

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

DISSERTAÇÃO

**Leitura de textos literários e midiáticos como caminho para reconhecimento do papel
social atribuído à mulher e empoderamento feminino**
"(...) Foi tanto sim, que agora digo não! (...)”

Larize Pereira Lopes

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

**LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS E MIDIÁTICOS COMO CAMINHO PARA
RECONHECIMENTO DO PAPEL SOCIAL ATRIBUÍDO À MULHER E
EMPODERAMENTO FEMININO**

"(...) foi tanto sim, que agora digo não! (...)”

LARIZE PEREIRA LOPES

Sob a Orientação da Professora Doutora

Maria do Rosário Roxo

Dissertação submetida como requisito parcial
para obtenção do Grau de **Mestra em Letras**,
no curso de Mestrado Profissional em Letras,
área de Concentração em Linguagens e
Letramentos, Linha de Pesquisa: Estudos da
Linguagem e práticas sociais.

Seropédica, RJ
Novembro, 2021.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L8641 Lopes, Larize Pereira, 1975-
 Leitura de textos literários e midiáticos como
 caminho para reconhecimento do papel social atribuído à
 mulher e empoderamento feminino "(...) Foi tanto sim,
 que agora digo não! (...) " / Larize Pereira Lopes. -
 Seropédica, 2021.
 106 f.

 Orientadora: Maria do Rosário da Silva Roxo.
 Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Mestrado Profissional em Letras,
 2021.

 1. Texto Literário. 2. Texto Midiático. 3.
 Metacognição. 4. Relações Sociais. 5. Empoderamento
 Feminino. I. Roxo, Maria do Rosário da Silva, 1957-,
 orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
 Janeiro. Mestrado Profissional em Letras III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS –PROFLETRAS

LARIZE PEREIRA LOPES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 10/11/2021

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
MARIA DO ROSARIO DA SILVA ROXO
Data: 25/03/2025 07:39:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Maria do Rosário da Silva Roxo (UFRRJ)

Orientadora



Documento assinado digitalmente
VICTORIA WILSON DA COSTA COELHO
Data: 05/11/2025 11:47:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Victória Wilson da Costa Coelho (UERJ)

Avaliador externo



Documento assinado digitalmente
ADRIANA TAVARES MAURICIO LESSA
Data: 05/08/2025 20:21:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adriana Tavares Maurício Lessa (UFRRJ)

Avaliador interno

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu pai José Pereira Lopes (*in memoriam*) e à minha mãe Neuza Alves Lopes (*in memoriam*), pelos anos de carinho, cuidado e exemplo. Obrigada por tanto.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e à Nossa Senhora, por não me desampararem e me permitirem chegar até, dando-me forças e me sustentando em todos os momentos.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), por me acolher desde o meu primeiro dia de pós-graduação e, novamente, me receber para o curso de mestrado.

À coordenação e aos professores do programa PROFLETRAS, por contribuírem para a realização e concretização deste trabalho.

Às professoras Adriana Tavares Maurício Lessa e Victória Wilson da Costa Coelho, pelas preciosas contribuições e análise cuidadosa desta pesquisa.

À professora Maria do Rosário da Silva Roxo, por abraçar o tema escolhido, por sua incansável orientação e carinho em cada conselho dado, por me deixar respirar e viver o luto e pelas várias revisões desta dissertação. Obrigada por permanecer.

À professora Marli Hermenegilda Pereira por me procurar, me estender a mão, afagar meu coração e não me deixar desistir.

À turma do PROFLETRAS 2021, por ser uma família de colaboração para todas as horas.

À direção da Escola Municipal Fernando Rodrigues da Silveira, pela força, apoio e auxílio em todos os momentos, principalmente para a realização das aulas presenciais deste curso.

À direção da Escola Municipal Rose Klabin, por me acolher novamente no momento final deste curso.

À minha família, em especial ao meu pai (*in memoriam*), à minha mãe (*in memoriam*) e minha avó Jolipia da Conceição Lopes (*in memoriam*) por me ensinarem o valor da cultura, valorizarem a Educação Pública e me incentivarem em todos os momentos. Obrigada por crerem no meu no meu potencial.

À minha irmã Laroze Pereira Lopes, minha inspiração, meu porto seguro e meu lugar de paz, à minha filha Milena Lopes de Souza e ao meu filho Vinícius Lopes de Souza, por não me deixarem desistir.

Às minhas primas Elaine Pereira Lopes e Leandra Freire Lopes pela participação, ajuda, amizade e admiração. Isso também é por vocês.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001.

A quantidade e a qualidade da dor que sentimos são determinadas pelas nossas experiências prévias e de quanto bem nos lembramos dela; pela capacidade de entender suas causas e compreender suas consequências. Ainda, a cultura em que estamos inseridos tem papel essencial em como sentimos e respondemos à dor.

(Melzack, Wall, 1991)

RESUMO

LOPES, Larize Pereira. **Leitura de textos literários e midiáticos como caminho para reconhecimento do papel social atribuído à mulher e empoderamento feminino "(...) Foi tanto sim, que agora digo não! (...)".** 2021. 106p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

Este texto foi inspirado nos trabalhos de De Lucia e Hocevar (2008), que sugerem um modelo didático de fases interativas para o ensino. Elas defendem a ideia de que a maior parte dos textos não se constitui como elementos isolados, mas sim inseridos em uma trama comunicativa contínua e propõem que os textos estão em constante diálogo com outros textos, emergindo em um contexto de polifonia das diversas vozes que coexistem em um único discurso. Nesse cenário, acredito que as atividades didáticas que proponho devem considerar a relevância do tema para os alunos, ao mesmo tempo em que dialogam com outros materiais, de modo a construir uma aprendizagem significativa. Ela visa integrar o reconhecimento do papel social da mulher e o empoderamento feminino com o ensino de gêneros textuais, explorando recursos e estratégias na construção desses textos. Nas atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura, busca-se o desenvolvimento global dos alunos, abrangendo suas dimensões intelectual, psicológica e social. O objetivo é promover a reflexão sobre questões sociais atuais e incentivar os alunos a pensarem sobre seu papel como sujeitos sociais e cidadãos, estimulando-os a interagir e transformar a realidade. Neste sentido, a contribuição de Applegate, M. D., Quinn, K. B., Applegate, A. J. (2002) é importante ao apontar que o professor deve avaliar a leitura do aluno de forma que o incentive a se engajar, passando da leitura por obrigação para uma leitura relacionada ao autoconhecimento, à reflexão e ao potencial da sua expressão criativa em diferentes contextos sociais. Além disso, a proposta se apropria das ideias de Sinha, Chris (1999), que enfatizam que as crianças não aprendem da mesma maneira nem possuem o mesmo ponto de vista, reconhecendo que cada ser é único e traz para a sala de aula experiências e contextos próprios que enriquecem o processo de aprendizagem.

Palavras-Chave: Textos literários; textos midiáticos; empoderamento feminino; mulher; relações sociais.

ABSTRACT

LOPES, Larize Pereira. **Reading literary and media texts as a path to recognizing the social role attributed to women and female empowerment "(...) It was so much yes, that now I say no! (...)".** 2021. 106p. Dissertation (Language Professional Masters Degree in a National Network), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

This text was inspired by the work of De Lucia and Hocevar (2008), who suggest a didactic model of interactive phases for teaching. They defend the idea that most texts are not isolated elements but rather inserted into a continuous communicative plot and propose that texts are in constant dialogue with other texts, emerging in a context of polyphony of the different voices that coexist in a single discourse. In this scenario, I believe that the didactic activities I propose should consider the relevance of the topic for students, while also dialoguing with other materials, in order to build meaningful learning. It aims to integrate the recognition of the social role of women and female empowerment with the teaching of textual genres, exploring resources and strategies in the construction of these texts. In the pre-reading, reading and post-reading activities, the aim is to achieve the overall development of students, covering their intellectual, psychological and social dimensions. The objective is to promote reflection on current social issues and encourage students to think about their role as social subjects and citizens, encouraging them to interact and transform reality. In this sense, the contribution of Applegate, M. D., Quinn, K. B., Applegate, A. J. (2002) is important in pointing out that the teacher must evaluate the student's reading in a way that encourages them to engage, moving from reading as an obligation to reading related to self-knowledge, reflection and the potential for their creative expression in different social contexts. Furthermore, the proposal appropriates the ideas of Sinha, Chris (1999), who emphasize that children do not learn in the same way nor have the same point of view, recognizing that each being is unique and brings to the classroom their own experiences and contexts that enrich the learning process.

Keywords: Literary texts; media texts; female empowerment; woman; social relations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISP	Instituto de Segurança Pública

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	11
1.1 Justificativa	18
1.2 Objetivos Gerais	21
1.3 Objetivos Específicos	22
1.4 Textos que serviram de inspiração para o trabalho de leitura e escrita	25
2 CONSTRUÇÃO DA PESQUISA E PROCESSO METODOLÓGICO	31
2.1 Caracterização do Tipo de Pesquisa	31
2.1.1 Primeiras Percepções	32
2.2 Desenvolvimento da Proposta Didático-Pedagógica	35
3 A PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	41
3.1 Femicídio no Brasil	42
3.2 Causas do Femicídio	47
3.3.1 Desprezo pela mulher e pelo feminino	47
3.3.2 Posse	48
4 PERCURSOS DO TRABALHO EM COMPREENSÃO LEITORA	54
4.1 Fase 1: Fase do Autoconhecimento: Reconhecer-se Mulher	56
4.2 Fase 2. Etapa da Leitura	64
4.3 Fase 3. Pós-leitura: Monitoramento das Inferências Criadas na Fase 2	81
4.4 Fase 4. Pós leitura: Tomada de Consciência do Próprio Processo de Ler: Uma Autopercepção	84
5. PERSPECTIVA DE ENSINAR COMPREENSÃO LEITORA NO ESPAÇO ESCOLAR	92
5.1. Participação da Professora	92
5.2 Reflexões da Professora	93
6 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	96
7 CONSIDERAÇÕES GERAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Esta dissertação aborda a troca de experiências e textos com alunos leitores e a escassa prática de muitos em relação à leitura literária e midiática, além da habilidade de metacognizar e dialogar sobre o tema, seja por meio da escrita ou da fala. O objetivo é tornar essas práticas possíveis e compreensíveis, permitindo que os alunos não apenas se envolvam com os textos, mas também sejam capazes de compartilhar experiências reais que humanizem e transformem sua realidade social. Isso possibilitará o aprimoramento de sua proficiência leitora, autonomia e protagonismo juvenil, tanto dentro como fora da comunidade escolar.

Dessa forma, poderão experimentar e, ao compreenderem os significados dos textos, contribuir para a mudança de realidades tóxicas vivenciadas por muitas mulheres, tanto no ambiente familiar quanto fora dele. Além disso, a intenção é transformar dados em histórias inspiradoras de mulheres empoderadas que conseguiram romper o ciclo vicioso, impulsionadas pelo conhecimento e pela valorização da autoestima.

O propósito deste estudo é trabalhar com textos, de forma que a leitura não se torne uma prática mecânica e serial, onde o leitor se limita a verificar elementos escritos e, a partir deles, introduzir novos conhecimentos. Em vez disso, busca-se que o leitor, de forma mais autêntica e menos robotizada, seja capaz de restaurar o sentido original do texto.

Em minha concepção, o mais relevante, antes de me preocupar com limites disciplinares ou áreas de investigação específicas, é a dedicação a uma visão do processo de conhecimento que compreenda a pesquisa como um diálogo com diversos campos do saber. Essa abordagem visa agregar diferentes perspectivas que contribuam para o processo de ensino-aprendizagem.

Dentro desse contexto, meu estudo se orienta por uma abordagem qualitativa e interpretativa, considerando o conhecimento derivado da coleta de dados a partir de fontes midiáticas seguras (como o G1.globo.com) comparadas à realidade das responsáveis pelos alunos do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro. A pesquisa visa avaliar o processo de aprendizado dos alunos, ao longo da leitura de trechos da obra literária "Úrsula", levando em conta a perspectiva dos alunos com os quais trabalho, bem como notícias, dados do IBGE e do Dossiê da Mulher, divulgado pelo ISP.

A análise busca compreender culturalmente como os alunos lidam com realidades sociais incorporadas à comunidade e como essas realidades afetam o processo de aprendizagem. Com base nisso, o objetivo é trabalhar a obra literária, a partir da perspectiva de que o texto é um objeto não acabado e incompleto, que se constrói de forma interativa com a realidade do leitor e seu contexto. Pautar-me-ei nas práxis da pesquisa proposta por Denzin e Lincoln (2006), que enfatiza a importância de considerar as necessidades dos alunos como um ponto central no processo de leitura e compreensão. Essa abordagem busca destacar a interação dinâmica entre o leitor, o contexto em que está inserido e o texto, reconhecendo que cada leitura é uma reconstrução única e subjetiva, influenciada pelas vivências e pelo momento de vida do leitor:

Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17)

Em relação ao procedimento e às mudanças na minha prática pedagógica a serem desenvolvidos em minha sala de aula, identificarei esses elementos sociais e culturais, inseridos na comunidade e nas mídias pesquisadas, buscando alternativas didáticas que favoreçam ao aprendizado como um todo e não apenas de forma literal e rasa. Este procedimento de estudo está fixado nas correntes de pesquisas qualitativas, que enfatizam a compreensão dos contextos, das interações e das dinâmicas sociais presentes no processo de ensino-aprendizagem. A partir dessa abordagem, buscarei integrar as experiências culturais dos alunos, explorando suas vivências e conhecimentos prévios, e utilizando as mídias como ferramentas de enriquecimento da aprendizagem.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos — estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais — que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo. (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17)

Tal metodologia mostrar-se mais adequada por estar envolvidos pesquisadora e participantes do processo e por ser uma linha de pesquisa associada ao contato direto com os educandos, entendendo como eles vivem e como processo, permitindo-me identificar, desenhar, compreender a comunidade, as formas de comunicação e todos os elementos que perpassam pela comunidade. Todo esse conhecimento, pode contribuir para uma mudança de realidade pedagógica.

Nessa linha de raciocínio, para entender os processos cognitivos os quais os alunos processam durante a leitura e conhecer suas experiências anteriores, enquanto leitores; busco, a partir de algumas leituras sobre o tema, a compreensão das mesmas e do mundo que os cerca, informações sobre eles e seus modos de conceber a leitura, de uma maneira geral, como na construção de um bricoleur, para depois chegarmos à leitura literária.

Tenciono que eles compreendam o quanto são fontes únicas de significado, capazes de ativar esquemas cognitivos, servindo como padrões para interpretar tudo ao seu redor. O entendimento de um texto ocorre por meio da interação entre o mundo que os cerca e os textos que utilizarei no trabalho:

Como bricoleur ou confeccionador de colchas, o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance (Becker, 1998, p. 2). Havendo a necessidade de que novas ferramentas ou técnicas sejam inventadas ou reunidas, assim o pesquisador o fará. As opções de práticas interpretativas a serem empregadas não são necessariamente definidas com antecedência. A “escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seu contexto” (Nelson et al., 1992, p. 2), do que está disponível no contexto e do que o pesquisador pode fazer naquele cenário. (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 21)

Tal qual uma colcha de retalhos, a história narrada no livro Úrsula permite-nos entender o ambiente, o cenário e os sujeitos que constroem a obra, uma vez que esses elementos estão muito próximos à realidade dos alunos. A maneira como se comportam socialmente, como vivem, nos convida a, durante a leitura, reviver e redescobrir o papel social atribuído à mulher nas relações da comunidade. Essa mulher, muitas vezes pobre e preta, ganha um novo perfil, sendo ressignificada na dinâmica social e cultural, o que nos faz valorizar a diversidade da comunidade por meio dos textos acessados pelo grupo de estudantes.

Enfim, percebo que muitos elementos que fazem parte da cultura local são agora objetos do meu estudo, contribuindo para o meu entendimento desses aspectos, como se eu estivesse

construindo uma vasta colcha de retalhos. Embora eu não faça parte dessa comunidade, pois fui criada dentro de valores e cultura muito diferentes daqueles que encontro no ambiente escolar e essa convivência me permite absorver o conhecimento local.

Não conhecia as regras, crenças, códigos e tipos de comportamentos sociais presentes nesses espaços de convivência e aprendizado, mas gradualmente fui absorvendo tudo isso para poder conviver com os alunos e auxiliá-los em seu processo de aprendizagem. Desenvolvi, assim, uma atenção cuidadosa e uma sensibilidade para os desafios nas relações sociais que encontro na escola. Gostaria de esclarecer que nunca foi uma questão de ser melhor ou pior em relação a condição social e cognitiva deles, era necessário apenas entender as diferenças para que eu iniciasse um trabalho com as crianças de modo que entendessem a minha proposta, não somente eles, como também seus responsáveis.

Por exemplo: muitas mulheres trabalham fora de casa e o marido não. Ele fica sozinho em casa com a enteada e, muitas vezes, comete abuso ou fica na esquina usando drogas, volta para casa, drogado, agride a mulher pelo fato de não conseguir a atenção da enteada. Essa menina chega à escola com problemas cognitivos por não viver uma outra realidade a qual muitos professores desconhecem e ela, por vergonha, não conta a origem da sua falta de atenção ou interesse; o pastor faz uma oração sobre a carga roubada para que todos possam comer sem culpa, mas julga a separação e pune a mulher, mãe das crianças que vivem um histórico de agressões acatado pela igreja. Ou ainda, a mulher que vê no genro, chefe do tráfico, uma forma de ascensão da família e consente que ele explore sexualmente a sua filha, menor de idade, incentivando-a a engravidar, comemorando quando isso acontece. Estar grávida de alguém de vinte oito anos com quem se mantém um compromisso e assume o seu filho, mesmo sendo traficante, é uma dádiva aos doze anos de idade. Denzin e Lincoln (2006, p. 15) falam sobre esse contexto social diferente logo no início de seu texto:

Nessa análise agora clássica, eles observam, com certa ironia, que a pesquisa qualitativa na sociologia e na antropologia “nasceu de uma preocupação em entender o ‘outro’”. Além do mais, esse outro era o outro exótico, uma pessoa primitiva, não-branca, proveniente de uma cultura estrangeira considerada menos civilizada do que a cultura do pesquisador. É claro que, muito antes dos antropólogos, já havia colonialistas. No entanto, não fosse por essa mentalidade investigativa que transformou a figura do outro de pele escura no objeto do olhar do etnógrafo, não haveria uma história colonial, e, agora, nem uma história pós-colonial. Eu, no caso, me achava igual, e me percebi diferente.

E eu trabalharei para entender o outro, através da leitura dos textos que se desenvolverá em quatro fases:

Na primeira etapa do trabalho, que tem como foco o autoconhecimento, realizar-se-á uma leitura cuidadosa e análise crítica do tema em questão. O objetivo é proporcionar aos alunos o primeiro contato com textos que abordam a realidade social e cultural da mulher dentro da comunidade. Através dessa leitura, busca-se que os alunos compreendam as diversas formas de representação da mulher ao longo da história e o impacto social que essas representações têm na construção de identidades e papéis dentro da sociedade.

Este momento também se propõe a valorizar a troca de informações entre os alunos, promovendo discussões enriquecedoras sobre o contexto histórico-social vivido no Brasil, desde o período colonial até os dias atuais. Ao discutir as lutas, os desafios e as conquistas das mulheres, o projeto pretende que os estudantes reflitam sobre a trajetória histórica das mulheres e se sintam estimulados a expressar suas próprias experiências e opiniões sobre o tema.

Diversos estudos acadêmicos e dados do IBGE confirmam que a violência contra as mulheres é um fenômeno profundamente enraizado na sociedade, sendo uma consequência direta da posição de inferioridade que as mulheres ocupam desde tempos imemoriais. A desigualdade de gênero, embora tenha evoluído em algumas esferas ao longo do tempo, ainda persiste de maneira alarmante. A luta para combater esse preconceito estrutural e as inúmeras formas de violência continua sendo um desafio, apesar dos avanços que já foram conquistados. Nesse contexto, a leitura e a interpretação de textos servem como ferramentas poderosas para que os alunos compreendam a persistência desse problema e se engajem na reflexão crítica sobre a necessidade de mudança.

Na segunda fase do trabalho, a análise se aprofunda. Os alunos serão convidados a explorar a figura feminina em diferentes tipos de textos, com a proposta de fazer uma leitura inicial sobre o papel social atribuído à mulher em várias situações e contextos. O objetivo desta fase é estimular a reflexão individual de cada aluno sobre as diferentes formas de representação e os significados atribuídos à mulher em diversas produções culturais e sociais. Durante essa etapa, os alunos serão incentivados a expor suas primeiras impressões, promovendo um ambiente de discussão em que cada um possa compartilhar sua visão sobre o tema e questionar os estereótipos que cercam as mulheres em nossa sociedade.

A terceira fase do trabalho é dedicada à reflexão sobre o conceito de “empoderamento feminino”. Nessa etapa, buscaremos discutir o empoderamento em suas diversas formas, mas com um cuidado especial para não confundirmos o conceito com o que algumas pessoas chamam de feminismo radical. O empoderamento feminino refere-se, essencialmente, ao fortalecimento da mulher para que ela exerça seu poder de escolha, sua autonomia e sua liberdade em todos os aspectos da vida.

Porém, é importante destacar que, em muitas comunidades, há uma grande confusão entre empoderamento e feminismo radical, especialmente em grupos que não têm acesso direto à informação e que, muitas vezes, recebem interpretações distorcidas sobre o tema, seja por meio de discursos religiosos, grupos nas redes sociais, narrativas da mídia ou mesmo influências de facções criminosas e ONGs que utilizam ideologias políticas para moldar as opiniões. Assim, nesta fase, os alunos terão a oportunidade de esclarecer esses conceitos e refletir sobre o que realmente significa o empoderamento da mulher, distinguindo-o das visões simplificadas ou preconceituosas que podem ser propagadas.

Ao longo dessas fases, buscamos construir uma base sólida de conhecimento e compreensão sobre as questões que envolvem as mulheres, suas lutas e conquistas, respeitando suas histórias e suas realidades. Através de um trabalho aprofundado de leitura, interpretação e debate, espera-se que os alunos desenvolvam uma consciência crítica sobre o papel da mulher na sociedade e se tornem agentes de mudança, promovendo a igualdade de gênero e combatendo as desigualdades que ainda persistem em nosso mundo. Para tanto, olhar do educador deve estar atento às diversidades porque:

A diversidade de histórias envolvendo cada método ou estratégia de pesquisa revela como cada prática recebe múltiplos usos e significados. As análises textuais nos estudos literários, por exemplo, muitas vezes tratam os textos como sistemas independentes. Por outro lado, um pesquisador que adote uma perspectiva dos estudos culturais ou do feminismo interpretará o texto em termos de sua localização dentro de um momento histórico marcado por um gênero, uma raça ou uma ideologia de classe específicos. Um emprego da etnografia voltado para os estudos culturais traria para o projeto uma série de compreensões do feminismo, do pós-modernismo e do pós-estruturalismo. (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.21)

Na quarta fase, intitulada "A mulher como objeto sexual", proponho aos aprendentes a criação de um texto a ser exposto em vídeo, com base nos conteúdos estudados, levando em consideração também a posição do homem na sociedade e a forma como ele é educado, tanto

dentro quanto fora da comunidade. É amplamente reconhecido que a educação da mulher é distinta em diversos aspectos, seja dentro da sociedade ou globalmente. Ela é, em grande parte, mais reprimida e sofre as consequências de maneira mais intensa e agressiva em comparação ao homem. Contudo, de maneira geral, o homem é educado a reprimir seus sentimentos e a agir com violência, quando necessário, ou quando recebe um "não".

Por fim, os estudantes serão divididos em grupos de meninos e meninas e convidados a refletir sobre os textos, intervindo no processo de criação dos textos originais, modificando-os, inserindo falas e pensamentos nas personagens e abrindo novas possibilidades de interpretação e compreensão, a partir de vídeos que, posteriormente, estarão disponíveis na escola para um evento de exposição.

Para entender o processo, basta ler a obra de Maria Firmino dos Reis e observar a maneira como a mulher é tratada em diversos capítulos, como, por exemplo, o pedido da autora no prefácio ou no final do livro, onde a personagem Fernando P., que nutre um amor doentio e não correspondido pela sobrinha, mata Tancredo, cônjuge de Úrsula, o grande amor de sua vida, a pessoa que sempre a tratou com respeito e um amor sincero. Ao presenciar esse evento, a jovem senhora enlouquece, deixando o assassino tomado pelo remorso, sem esperança de viver o amor que, antes movido pelo ódio e sentimento de posse, agora é consumido pela dor.

O livro ilustra todo o processo doloroso que muitas mulheres enfrentam ao não aceitarem sua posição social, sendo vistas como sombras dos homens, desprotegidas, e dependendo exclusivamente do cônjuge para protegê-las de um fim trágico. A mãe de Úrsula, viúva, foi vítima desse sentimento de posse por parte do irmão, perdeu seu grande amor e a mesma história se repete com a filha, evidenciando que mulheres de gerações diferentes enfrentam as mesmas situações e dores diante da masculinidade tóxica de um homem.

Essa última etapa será a tomada de consciência do aluno, ao demonstrar que ele é capaz de sistematizar suas percepções, produzir textos, modificar os já existentes, criticar e fazer inserções sobre a mulher e suas relações sociais dentro da comunidade, neste momento, já metacognizando todas as cenas apresentadas.

Todo esse processo geralmente tem início quando um homem é criado em um ambiente que alimenta a masculinidade tóxica. Isso ocorre quando ele é educado sob valores machistas, acreditando ser superior às mulheres, enxergando-as como meros objetos sexuais e reprimindo

sua própria vulnerabilidade, sendo condicionado a ser forte, viril e a evitar qualquer demonstração de emoção, como o choro.

Ao se depararem, no século XXI, com mulheres empoderadas que afirmam sua autonomia e impõem limites, muitos desses homens têm dificuldade em aceitar um "não" como resposta. Essa incapacidade de lidar com a rejeição ou o confronto de seus comportamentos pode levá-los a reações agressivas ou até ao suicídio, reflexos de uma construção emocional confusa e abusiva desde a infância.

Minha proposta final é que os alunos reescrevam a história de Úrsula, modificando a obra da autora para empoderar a personagem, de modo que ela não passe pelo sofrimento vivido por sua mãe. É essencial que a jovem perceba, sem medo, a postura do tio ao conhecê-lo, e que sua história se torne, como solicita a própria autora do livro, uma narrativa de coragem.

A romancista pede coragem às novas escritoras. Portanto, os alunos devem reescrever uma história diferente, em que a mulher se iguale ao homem, não em masculinidade ou força física, mas em seu papel social e no direito de ir e vir. Deve-se destacar o valor intrínseco da personagem, permitindo que ela exerça a função com a qual se identifique, se realize e não se esconda atrás do medo e da dor. Pelo contrário, Úrsula deve se apropriar de sua força, valorizar-se e empoderar-se de tudo o que é capaz de fazer, recriar, transformar e, acima de tudo, se refazer.

Essa releitura da obra deve refletir um novo retrato das mulheres do século XXI, mostrando personagens femininas que se posicionam com dignidade, autonomia e plenitude em todas as esferas da vida.

1.1 Justificativa

No presente trabalho, busco explorar abordagens de ensino-aprendizagem voltadas para a compreensão leitora e apresentar uma proposta didático-pedagógica, fundamentada em uma perspectiva temática qualitativa interpretativa, com foco na “análise de tema”. A coleta de dados será baseada em fontes como o IBGE, o Dossiê da Mulher divulgado pelo ISP, notícias de jornais e narrativas de feminicídio, que refletem realidades de nossas vidas e de pessoas próximas, como familiares, vizinhos e amigos. Tais dados revelam um sistema que marginaliza e diminui o feminino, sem buscar a equidade de gênero, sendo, portanto, uma forma relevante de compreender a cultura local.

O objetivo é promover o desenvolvimento global dos alunos, abordando aspectos intelectuais, psicológicos e sociais, por meio de atividades pedagógicas que incentivem o autoconhecimento, estimulando-os tanto como indivíduos dentro da comunidade quanto como cidadãos brasileiros. Essas atividades buscam fazê-los refletir sobre o cenário atual e suas possíveis ações dentro dele.

O problema no processo de ensino-aprendizagem não se restringe apenas ao aluno, à professora ou à escola. Ele reside em toda a comunidade escolar e na maneira como seus membros se relacionam, se comportam e selecionam informações a partir da leitura. Para que um aluno possa de fato compreender um texto, é necessário que ele consiga metacognizar, ou seja, refletir sobre o que leu e como isso se conecta com o que vive ou vivenciou. Muitos alunos não alcançam esse estágio, seja pela falta de habilidades de leitura ou pela ausência do hábito da leitura. O que proponho é um método que os leve a refletir sobre o que fazer com as informações que adquiriram.

O processo de leitura, muitas vezes, é visto de forma limitada, como uma simples seleção de informações, sem que o aluno seja incentivado a perceber os processos cognitivos que envolvem a leitura. Com isso, a leitura se torna apenas uma prática de copiar respostas diretamente do texto, sem compreensão profunda. Não há progressão no trabalho com o texto, e os alunos não se questionam sobre o que ele está tentando transmitir, qual é a intenção do autor ou como o texto pode ser útil didaticamente. Isso ocorre porque as atividades propostas nem sempre são significativas para o leitor.

Este cenário se agrava devido a um sistema que limita a atuação do professor, que se vê sobrecarregado por múltiplos obstáculos, como a necessidade de trabalhar em várias escolas, o cansaço, a falta de recursos para formação continuada e a realidade de lidar com alunos sem condições de participar plenamente do processo de aprendizagem.

Assim, no meu estudo, não se trata apenas de questionar o conteúdo do texto, mas de investigar como, por meio da leitura, podemos entender o processo de autoconhecimento do aluno, para que ele seja capaz de responder às questões com uma verdadeira compreensão do tema abordado.

Portanto, a questão central não é a formulação das perguntas, mas o método que utilizamos para atingir o aluno. O foco não está apenas no mediador ou no aprendiz, mas no processo de ensino-aprendizagem como um todo. O que defendo é a criação de um espaço que

permita o trabalho com aspectos cognitivos no ensino de leitura, sem excluir uma abordagem discursiva sobre o texto. Ao articular diferentes saberes e ambientes de aprendizagem, podemos adaptar os conhecimentos que os alunos trazem consigo àquilo que é proposto nos currículos escolares.

Acredito que essa abordagem contribui para a formação de leitores críticos e ativos, ao proporcionar uma conscientização sobre o próprio processo de aprendizagem:

Inicialmente, cabe destacar que nossa concepção enxerga a leitura como um processo (ou como a integração de processos) e não como um produto resultado da extração de significados do texto pelo leitor. Assim, negamos qualquer concepção que parta da ideia de que os significados construídos ao longo de uma leitura existam anteriormente ao processo de integração do leitor com o que lê. Dentro de nossa perspectiva, o significado é visto como construído on-line e real time, ou seja, no momento da interação, de forma negociada e ajustada, o que “permite que nos coloquemos em posição de observar o significado de forma dinâmica, ou seja, como construção e articulação entre experiências, habilidades, conhecimentos e processos. (GERHARDT, 2006, p. 1)

A leitura é compreendida como um processo dinâmico e interativo, no qual o significado não é algo fixo ou previamente existente no texto, mas uma construção em constante evolução ao longo da experiência leitora. Longe de se restringir à mera decodificação de símbolos ou à extração de informações explícitas, a leitura envolve a participação ativa do sujeito, que mobiliza suas experiências pessoais, repertório cultural, conhecimentos prévios, habilidades cognitivas e estratégias de compreensão para atribuir sentido ao que lê.

O significado emerge, portanto, da interação contínua entre o leitor e o texto, sendo ajustado e reelaborado à medida que a leitura avança. Esse processo inclui inferências, interpretações e conexões com outras vivências, o que torna a leitura uma atividade subjetiva e singular. Cada leitor, ao se deparar com o texto, constrói significados de forma única, influenciado por seu contexto sociocultural e pelas formas como articula suas percepções e conhecimentos.

Essa perspectiva valoriza a leitura como um ato interpretativo e criativo, em que o leitor não é um agente passivo, mas um coautor na produção de sentidos. Assim, compreender a leitura como um processo de construção ativa amplia sua importância no desenvolvimento do pensamento crítico, da empatia e da capacidade de reflexão sobre o mundo e sobre si mesmo.

Logo, é fundamental incentivar atividades como as que serão apresentadas, com o objetivo de transformar a percepção dos alunos sobre o verdadeiro significado da leitura. Antes de qualquer intervenção, torna-se imprescindível compreender os processos cognitivos envolvidos no ensino da leitura, sem negligenciar uma abordagem discursiva do texto, capaz de promover a conexão entre diferentes contextos e saberes.

A leitura não deve ser vista apenas como uma habilidade mecânica de decodificação de símbolos, mas como uma prática cultural e social que amplia a compreensão de mundo e fomenta o pensamento crítico. Nesse sentido, é essencial promover atividades que estimulem o diálogo, a interpretação e a reflexão, de forma a envolver os estudantes ativamente no processo de construção do conhecimento.

Assim, o conhecimento prévio que o aluno traz para a escola deve ser valorizado e integrado aos currículos escolares, reconhecendo sua bagagem cultural e experiências individuais como pontos de partida para o aprendizado. Essa valorização contribui para a criação de um ambiente de aprendizado mais inclusivo e significativo, em que o estudante se sinta respeitado e motivado a participar ativamente das práticas de leitura e escrita.

Desse modo, acredito estar contribuindo para a formação de leitores críticos, participativos e autônomos, ao envolvê-los em um processo de conscientização sobre a leitura e sua relevância. Ao desenvolver o hábito da leitura e promover a análise crítica de diferentes gêneros textuais, o estudante se torna capaz de questionar, interpretar e posicionar-se de forma consciente frente às diversas informações e discursos presentes na sociedade. Essa abordagem, portanto, não apenas eleva o nível de compreensão leitora, mas também contribui para a formação de cidadãos mais informados e engajados.

1.2 Objetivos Gerais

Este trabalho tem como propósito incentivar o aluno a apreciar a leitura literária de forma significativa e transformadora. Ao longo da minha trajetória profissional, sempre enfrentei o desafio de trabalhar diretamente com textos literários sem antes compreender profundamente a realidade dos meus alunos. Por isso, adoto como princípio inicial mergulhar em seu universo: conhecer seus gostos, as músicas que escutam, os temas sobre os quais

conversam e os assuntos delicados que merecem sensibilidade ao serem abordados. Afinal, cada aluno é um ser único, carregado de histórias, experiências e, muitas vezes, feridas emocionais.

É justamente nessas feridas que me permito tocar com cuidado e empatia. Embora abordar temas sensíveis possa ser doloroso, acredito que é um caminho essencial para o crescimento pessoal e a superação de barreiras emocionais, muitas vezes transmitidas ao longo de gerações. A literatura, com seu poder de expressão e reflexão, pode se tornar uma ferramenta poderosa nesse processo de cura e transformação.

Partindo desse estudo prévio e respeitando a realidade de cada grupo, início minhas aulas ancorando-me no que os aprendizes já conhecem e com o que se identificam: funk, propagandas, cartazes, campanhas publicitárias. A partir desses elementos familiares, traço um caminho progressivo e envolvente, conduzindo-os, de forma gradual e respeitosa, até o universo dos textos literários.

Almejo que, ao longo desse percurso, os alunos não apenas cheguem ao texto literário, mas também apreciem cada etapa da jornada. Desejo que experimentem o prazer da chegada e, sobretudo, o mergulho profundo no reino das palavras, tão intenso e revelador, que os fará enxergar o mundo sob uma nova perspectiva. Um olhar mais crítico, capaz de questionar e transformar a realidade ao seu redor.

Reconheço, no entanto, que esse processo não acontece de forma uniforme. Em algumas turmas, conseguirei alcançar essa conexão; em outras, talvez não, pois a decisão de se abrir para essa experiência depende de cada aluno. Ainda assim, acredito profundamente que o esforço em promover essa transformação vale a pena, pois a literatura tem o poder de tocar vidas e inspirar mudanças, mesmo quando os resultados não são imediatos ou facilmente mensuráveis.

1.3 Objetivos Específicos

O estudo sobre o papel social atribuído à mulher e o empoderamento feminino inicia-se com uma música pop amplamente veiculada nas rádios, abordando temas como preconceito, o valor da mulher e as diversas etapas de sofrimento enfrentadas até o momento em que a protagonista se reconhece como dona de si mesma, título da canção. Essa trajetória de autoconhecimento permite que a jovem altere sua realidade e a de todos ao seu redor. A escolha

da música está ligada ao fato de a cantora ser negra, com uma aparência semelhante à de muitas mães dos alunos e das meninas, tornando-se uma figura de referência ao representar a mulher negra no Brasil como bonita, sexy e empoderada.

Dentre as músicas da artista, a escolhida se destacou tanto nas rádios quanto em outros meios de comunicação, abordando diretamente o tema da pesquisa. Optou-se por trabalhar com música, e não poesia, pois, conforme mencionado, os alunos precisam se familiarizar com textos do cotidiano e, em muitos casos, possuem pouca ou nenhuma prática de leitura. A música, portanto, proporciona uma conexão mais imediata e envolvente.

Nos estudos sobre a música pop "Dona de mim" e as campanhas de Carnaval contra o assédio sexual, como a campanha "Não é não!", os estudantes serão incentivados a refletir sobre seu posicionamento em relação às mulheres e suas relações sociais, a partir de uma perspectiva individual. É essencial que compreendam seus próprios valores e como esses valores foram moldados, tanto nas relações pessoais quanto nas influências sociais. Somente após esse entendimento será possível refletir sobre como sua comunidade constrói e internaliza esses valores, possibilitando assim uma mudança metacognitiva que contribua para uma visão mais humanizada e igualitária da posição da mulher.

A campanha de Carnaval "Não é não!" serve como suporte verbal e visual para promover essa mudança de mentalidade, abordando temas como igualdade de gênero, masculinidade tóxica e feminicídio. As imagens presentes nessas campanhas, veiculadas em diversos meios de comunicação, desempenham um papel fundamental ao facilitar a compreensão e ajudar os alunos a fazerem inferências sobre o tema.

Em seguida, o conceito de masculinidade tóxica será explorado por meio do documentário "O Silêncio dos Homens", disponível no YouTube. O objetivo é promover um debate sobre as situações apresentadas no vídeo, questionando se os alunos já vivenciaram experiências semelhantes, como se sentiram e qual foi a postura adotada. Também será abordado se, em algum momento, essas atitudes foram refletidas ou consideradas normais, sem questionamentos.

Ao final da discussão, será exibido o vídeo "To Be a Lady", criado por Angélica Ksyvickis, apresentadora de televisão e esposa de Luciano Huck, que se tornou um importante símbolo de reflexão sobre o papel das mulheres na sociedade, especialmente no contexto do Dia Internacional das Mulheres. Esse vídeo, divulgado amplamente nas redes sociais, auxiliará

a consolidar as reflexões sobre a identidade feminina, a pressão social sobre as mulheres e os desafios em relação à igualdade de gênero.

Esse estudo busca, portanto, oferecer aos alunos uma compreensão mais profunda e crítica sobre o papel da mulher na sociedade, incentivando-os a se posicionar de forma mais empática e justa em relação às questões de gênero e identidade.

Vivemos um momento social em que as novas tecnologias invadem, de forma intensa e irreversível, tanto a escola quanto o ambiente doméstico. É hora de nos apropriarmos dessa realidade e utilizá-la como recurso de ensino-aprendizagem.

O trabalho com textos midiáticos, notícias de jornais, músicas e, posteriormente, com textos literários, pode ser realizado de maneira mais flexível, sem o engessamento instrucional muitas vezes presente no ensino tradicional. Alunos que são exímios usuários do mundo virtual, onde a informação circula em altíssima velocidade, precisam ter acesso a experiências educativas que dialoguem com sua realidade. Assim, o texto literário deve ser abordado pelo que ele proporciona em si mesmo, pelo que agrega à percepção do aluno sobre o mundo, tanto interno quanto externo.

Maria Firmina dos Reis, desde o prólogo de "Úrsula", convida o leitor a uma reflexão profunda sobre os valores e estruturas sociais vigentes em sua época, destacando-se como uma voz pioneira ao denunciar as injustiças da escravidão e do patriarcado. A autora não apenas narra a realidade de um Brasil colonial escravocrata, mas também promove uma análise crítica sobre o papel da mulher na sociedade, questionando as restrições impostas pelo sistema patriarcal.

Ao apresentar uma protagonista feminina forte e determinada, Maria Firmina desafia os padrões sociais e inspira tanto meninas quanto meninos a repensarem suas perspectivas de gênero e igualdade. A personagem de "Úrsula" simboliza a resistência feminina e a possibilidade de transformação social, mesmo em um contexto adverso. Essa abordagem inovadora contribui para a formação de um olhar mais plural e crítico nos estudantes, permitindo que compreendam a importância da representatividade e do empoderamento feminino ao longo da história.

Dessa forma, o estudo de "Úrsula" em sala de aula se torna uma ferramenta valiosa para incentivar a reflexão sobre temas como justiça social, igualdade de gênero e o papel ativo das mulheres na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A partir do legado de Maria

Firmina dos Reis, os alunos podem se inspirar a questionar e superar preconceitos, compreendendo que a literatura é um poderoso instrumento de transformação e conscientização social. Iniciarei a reflexão já do prólogo do livro que muito contribui para o tema de trabalho:

Deixai, pois, que a minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós. Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós. (REIS, 2018, p. 12-13)

Desde as primeiras páginas do livro, percebem-se diversas mensagens valiosas e inspiradoras, que ressoam de maneira profunda e significativa. O trecho destaca a importância de valores essenciais, como a sororidade, o respeito e o incentivo constante para que as mulheres busquem o conhecimento e se valorizem em todas as áreas de suas vidas. A narrativa reforça a necessidade de promover o empoderamento feminino, criando um ambiente em que cada mulher se sinta encorajada a explorar suas potencialidades e a desenvolver-se pessoal e profissionalmente.

Além disso, a obra evidencia o poder transformador da educação e o impacto positivo da busca contínua pela instrução e pelo aprendizado. Esses ensinamentos não se limitam ao crescimento individual, mas também enfatizam a importância do acolhimento e da solidariedade mútua, especialmente em momentos de desafios e vulnerabilidades.

Esses princípios, tão bem abordados no livro, refletem diretamente os valores que procuro cultivar e transmitir em meu diálogo com os alunos e com toda a comunidade escolar. Acredito que promover a empatia, o respeito e o estímulo ao conhecimento contribuem para a formação de indivíduos mais conscientes, críticos e preparados para colaborar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

1.4 Textos que serviram de inspiração para o trabalho de leitura e escrita

Como já foi dito no início do trabalho, a minha proposta pedagógica foi pensada inspirada no modelo de avaliação fundamentalmente cognitivo, sociocognitivo e

psicolinguístico de De Lucia e Hocevar (2008), que propõem um modelo didático de fases interativas para o ensino.

Eles sugerem que, para o desenvolvimento da pesquisa, nos façamos perguntas reflexivas que orientem e fundamentem o processo investigativo. As questões levantadas pelos autores incluem:

- Este tipo de escrita reflexiva é comum na escola?

A escrita reflexiva, que envolve a análise crítica, revisão e reelaboração de ideias, não é tão comum no contexto escolar tradicional. Muitas práticas de escrita focam em produções textuais mais voltadas para a exposição de informações ou reprodução de conteúdo com menor ênfase na autorreflexão e no desenvolvimento metacognitivo. Quando a escrita reflexiva é proposta, geralmente ocorre de forma pontual, como em redações dissertativas no ensino médio ou em trabalhos acadêmicos no ensino superior. A ausência de uma abordagem sistemática pode limitar o desenvolvimento pleno das habilidades críticas e autorreflexivas nos estudantes.

- Por que os alunos mostram pouca habilidade e pouco interesse quando são solicitados a escrever e menos ainda quando são orientados a revisar seu próprio texto ou o de outros colegas?

O desinteresse e a dificuldade em revisar textos podem estar relacionados a vários fatores:

Falta de hábito: A revisão textual muitas vezes não é ensinada como uma etapa natural do processo de escrita, mas como uma tarefa corretiva, o que gera resistência.

Desconhecimento de estratégias: Muitos alunos não possuem ferramentas claras para revisar, como identificar problemas de coesão, coerência e estrutura argumentativa.

Motivação extrínseca: A escrita costuma ser vista apenas como uma obrigação escolar, sem conexão com interesses pessoais ou desafios reais de comunicação.

Receio de errar: Há uma cultura punitiva em torno do erro, em que ele é tratado mais como fracasso do que como parte do aprendizado, desmotivando o envolvimento ativo no processo de revisão.

- Por que, de uma maneira geral, a função de revisão de textos é prática específica do professor, e os alunos se limitam a receber passivamente as análises do professor?

Essa prática reflete um modelo educacional tradicional em que o professor é visto como a autoridade máxima no conhecimento, enquanto os alunos assumem uma postura receptiva. Algumas razões para essa centralização da revisão no professor incluem:

Hierarquia no aprendizado: A crença de que apenas o professor tem a competência para identificar e corrigir erros, desvalorizando a colaboração e a aprendizagem entre pares.

Falta de formação para revisão entre pares: Raramente os alunos são ensinados a revisar criticamente de forma sistemática e colaborativa.

Avaliação focada no produto final: Muitas vezes, o foco está no resultado final do texto, e não no processo de construção e aprimoramento ao longo de várias etapas.

- É possível modificar essa "cultura escolar" para avançar o desenvolvimento da cognição e metacognição?

Sim, a mudança é possível e desejável para promover um ensino mais reflexivo e participativo. Algumas estratégias incluem:

Incentivar a escrita como processo: Trabalhar a escrita em etapas, com planejamento, rascunho, revisão e reescrita, valorizando o processo tanto quanto o produto final.

Formação em revisão entre pares: Ensinar explicitamente como revisar textos de colegas, com critérios claros e construtivos, promovendo o aprendizado colaborativo.

Desenvolvimento de habilidades metacognitivas: Estimular a autorreflexão sobre o próprio processo de escrita, fazendo perguntas como: "Meu argumento está claro?", "O texto está bem estruturado?"

Ambientes de aprendizagem colaborativos: Criar espaços onde a troca de ideias e feedback entre colegas seja parte natural do aprendizado, diminuindo a centralização no professor.

Valorização do erro como parte do aprendizado: Encarar o erro não como falha, mas como uma oportunidade de crescimento e ajuste no percurso do aprendizado.

Feito isso, demonstrarei cada fase como um conjunto de atividades dirigidas a evoluir, de forma a ampliar a complexidade das capacidades dos alunos para a produção de textos escritos. Com estas propostas graduais, eu pretendo que os alunos conheçam as estratégias, consigam aplicá-las e alcancem a sua aplicação eficiente e flexível. Isso resulta no progresso

cognitivo e controle metacognitivo por parte do aluno e um empenho do professor para atingir os resultados esperados.

Portanto, na aplicação do modelo, é fundamental que o docente, como mediador, auxilie os educandos no reconhecimento e na compreensão das estratégias. Nesse sentido, é necessária a utilização de trocas verbais apoiadas pelo educador, através de questões elaboradas para que os alunos possam inferir novos conhecimentos e metacognizarem.

É importante explicitar a finalidade das atividades para que os alunos entendam perfeitamente o que se deseja atingir e qual a sua aplicabilidade. Isso favorece a execução dos processos implementados de compreensão e produção de texto.

Ademais, algumas atividades devem ser discutidas e respondidas coletivamente, pela turma. Em seguida, o trabalho, inicialmente, realizar-se-á em pequenos grupos, formados por uma dupla, que trabalhará de forma colaborativa. Ao final, cada aluno fará a sua redação individualmente.

Para tanto, os alunos devem evoluir o nível de consciência ao longo de toda a construção de produção. Logo, tarefas de origem metacognitiva são evidenciadas em todas as fases. A intenção é mudar a concepção que os alunos têm da leitura e da escrita, de que sabem e se envolvem nos processos que metacognizam ao ler e escrever de forma que, paulatinamente, atinjam a sua própria identidade de leitores e escritores, consigam entender e trabalhar os processos cognitivos envolvidos, tendo a possibilidade de ativar seu conhecimento prévio e desenvolver ligações com as novas informações para atingir a aprendizagem significativa.

Todo esse trabalho permitiu a Lucia e Hocevar (2008) afirmarem que é possível aplicar uma didática da metacognição com a finalidade de que os alunos em processo inicial de escrita possam desenvolver processos cada vez mais complexos.

Com relação à contribuição de Applegate, M. D., Quinn, K. B., e Applegate, A. J. (2002), destaca-se que os alunos, ao vivenciarem experiências passadas com os textos, ampliam o autoconhecimento, a visão sobre os outros, a identificação do self e o amor pela leitura. Todavia, os autores ressaltam, com base em suas pesquisas, que ainda há professores medindo o conhecimento por questões rasas.

As crianças, segundo os pesquisadores, apresentam facilidade para extrair respostas diretas dos textos, mas classificam a leitura como pouco atrativa, desinteressante ou até mesmo dolorosa. Muitas vezes, não conseguem se enxergar no texto, limitando-se a uma leitura literal

e mecânica, distante de uma análise construtiva e crítica. Quando solicitadas a interpretar as questões-chave ou o significado do que leram, elaborando respostas detalhadas e argumentativas, muitas delas se mostram incapazes de fazê-lo.

De acordo com esses autores, se os professores não desenvolverem essa sensibilidade ou não receberem formação continuada, os alunos encontrarão dificuldades para avançar em uma interpretação mais profunda dos textos. Caso os estudantes sejam avaliados com base em questões de baixo nível inferencial, esse também será o nível predominante entre os avaliadores. Em contrapartida, questões de alta inferência tendem a ser elaboradas por professores mais sensíveis aos níveis elevados de interpretação e metacognição.

Por fim, os pesquisadores ressaltam que perguntas abertas podem estimular o professor a criar itens de múltipla escolha, resultando em um baixo nível de compreensão. Ao não exigir uma análise mais aprofundada e ao incentivar apenas a memorização, a avaliação pode não ser eficaz para distinguir as crianças que apenas recordam o texto daquelas capazes de refletir criticamente sobre ele. Concluem, portanto, que a capacidade de pensar e responder criticamente ao texto deve estar no cerne da filosofia de leitura.

Applegate et al. (2002) destacam quatro níveis de compreensão leitora que podem ser avaliados em questionários:

Nível 1: A resposta está explícita no texto. O aluno encontra a informação e a transcreve.

Nível 2: A resposta não está de forma óbvia no texto. O aluno precisa fazer uma pequena inferência baseada nas informações apresentadas.

Nível 3: O aluno faz inferências mais complexas, relacionando o texto com seus conhecimentos prévios, conectando lógica e compreensão de partes, personagens ou temas do texto.

Nível 4: O aluno reflete criticamente sobre o texto como um todo, abordando ideias centrais e se posicionando de forma crítica, baseando-se em seus conhecimentos de mundo e nas situações descritas.

Os níveis 1 e 2 enfatizam a decodificação, localização e cópia de informações, sendo atividades mais voltadas para a identificação literal do texto. Em contraste, os níveis 3 e 4 incentivam maior interação entre o leitor e o texto, pois requerem inferências baseadas nos conhecimentos prévios do aluno e promovem a apropriação do conteúdo textual.

Apesar do destaque ao envolvimento mais profundo nos níveis 3 e 4, Applegate et al. (2002) enfatizam que as atividades dos níveis 1 e 2 também são essenciais para a compreensão leitora completa, tanto em textos literários quanto não literários.

Além desses apontamentos, a perspectiva de Sinhá sobre a aprendizagem também é relevante. Ela argumenta que as crianças não aprendem de maneira uniforme, pois cada aluno possui vivências e particularidades únicas. O aprendizado deve ser visto de forma multifacetada e multidisciplinar, considerando as subjetividades e os contextos específicos de cada estudante.

Sinhá sugere abandonar pressuposições universalistas sobre a aprendizagem, defendendo a valorização das experiências individuais e das relações sociais dos alunos. Para ela, a compreensão leitora e o aprendizado em geral devem ser aprimorados considerando o ambiente e a história de vida de cada criança.

2 CONSTRUÇÃO DA PESQUISA E PROCESSO METODOLÓGICO

2.1 Caracterização do Tipo de Pesquisa

Em virtude da Pandemia do Coronavírus (Covid-19), que assolou o nosso país e o mundo inteiro, tirando a vida de seiscentos mil indivíduos, incluindo meus pais e o amor da vida de muitas pessoas, e afetando principalmente a educação e a saúde mental dos indivíduos, minha proposta de trabalho sofreu alterações que a transformaram numa pesquisa exploratória, com uma metodologia propositiva.

Cheguei a trabalhar a música "Dona de Mim" com os alunos, a campanha de carnaval "Não é Não", sobre assédio, e até mesmo o documentário "O Silêncio dos Homens". No entanto, o projeto era voltado para o Dia Internacional da Mulher do ano passado, e eu ainda estava refletindo sobre a proposta final de trabalho e como ela se desenvolveria. Nos meses seguintes, gravamos um vídeo com o que foi abordado, que foi registrado no Facebook da escola¹. Em seguida, tudo fechou e ficamos um ano e meio em isolamento social. Começamos a trabalhar remotamente, mas a quantidade de alunos frequentes era inexpressiva, o que me impossibilitou de continuar o trabalho iniciado.

Minha intenção agora é lançar uma proposta de intervenção interpretativa, na qual se observará os aprendizes durante a prática pedagógica de leitura, concebida como um aprendizado ativo e dinâmico, e não apenas um modo passivo de recepção do conhecimento. Dessa forma, a proposta de atividade pedagógica possui muitas características que a distinguem do aprendizado convencional da Educação Bancária (Freire, 1996), no qual o professor detém todo o conhecimento. Destaco, entre as mais evidentes: o aprendizado pela prática normalmente envolve a demonstração de técnicas, como a instrução no conhecimento pelo professor, mas também a apreensão de outras técnicas pelo aprendiz; e integra-se, muitas vezes, ao processo de construção da autonomia e do protagonismo juvenil, sendo umas práxis construtiva, ora individual, ora coletiva.

Dentro dessa perspectiva, nossos alunos podem ser divididos em três grupos: aqueles que conseguem enxergar a importância da leitura, têm fome de conhecimento e já pensam em ingressar na universidade; aqueles que só conseguem se imaginar num futuro em que estejam trabalhando, independentemente do tipo de trabalho, mesmo que seja descarregar um caminhão roubado, não vendo sentido na escola por não os preparar para essa realidade marginal; e, por

fim, aqueles que se deixaram estagnar, condicionados pelo meio, aceitando sua realidade como definitiva, tendo como exemplo os próprios pais e a situação em que vivem, recebendo doações e auxílios como algo adquirido, e não como apoio para sua progressão.

Muitos alunos da comunidade não conseguem sobreviver dignamente, tampouco se imaginar com um futuro promissor, pois já perderam irmãos antes dos trinta anos. Nesse contexto, qual a importância da escola para eles?

Entendo que somente por meio da leitura de mundo e da exploração de textos voltados ao autoconhecimento os alunos poderão compreender a relevância da leitura em suas vidas. Apenas após trabalhar essa autorreflexão será possível avançar com leituras e projetos de inserção em uma outra realidade, a do conhecimento.

2.1.1 Primeiras Percepções

O interesse por esta pesquisa surgiu durante o período em que lecionei, momento no qual pude observar aspectos preocupantes em relação à leitura realizada pelos meus alunos, como a baixa autoestima, o costume de esperar respostas prontas e a falta de hábito de discutir, criticar e, principalmente, refletir de forma aprofundada sobre os textos. Essa realidade provocou em mim uma série de questionamentos e inquietações sobre o contexto sociocultural das comunidades onde atuo e sobre a abordagem pedagógica predominante, adotada tanto pela escola quanto pelos professores.

Essa abordagem, frequentemente centrada em erros e acertos, parecia priorizar a memorização e a reprodução de respostas, em detrimento da formação de um pensamento crítico e reflexivo. Compreendo que o desenvolvimento desse pensamento libertário, conforme os princípios defendidos por Paulo Freire (1996), só é possível quando se respeita e valoriza a história de vida do aluno e da comunidade à qual ele pertence. Esse respeito implica buscar caminhos pedagógicos que permitam uma nova concepção de leitura, na qual os aprendizes se percebam como sujeitos ativos e críticos de suas próprias interpretações, ao invés de meros receptores passivos do conhecimento.

Diante desse cenário, proponho uma abordagem de leitura fundamentada na concepção dialógica da linguagem, em que os aprendizes sejam reconhecidos como construtores sociais

do significado e sujeitos ativos na interação com o texto. Essa perspectiva dialógica busca promover uma prática educativa que vá além da decodificação literal das palavras, priorizando a construção de sentido a partir das vivências e percepções dos próprios estudantes.

Viso, portanto, estabelecer uma relação pedagógica que valorize o diálogo autêntico com os educandos, entendendo que, em muitos momentos do processo de aprendizado, a perspectiva do aluno é negligenciada, o que pode dificultar a interação e a construção coletiva do conhecimento. Desse modo, defendo a necessidade de um ensino que fomente o pensamento crítico e a participação ativa, considerando a diversidade cultural e social de cada contexto educacional, de modo a contribuir para a formação de sujeitos mais conscientes e engajados em suas próprias trajetórias de aprendizagem.

E, de fato, a sala de aula é o ambiente ideal para afirmar a natureza perspectiva e interativa da cognição em virtude do que deveria acontecer entre as pessoas, mas que de fato não acontece. O cenário descrito via de regra é de desencontro e, portanto, de ausência de diálogo; a escola fala uma língua, o aluno, outra; a escola suscita dele pensamentos alienígenas à sua vida, e ele, evidentemente, se mantém no lugar de onde veio, e esse estado de coisas se repete sem que a parte realmente responsável por uma mudança de olhar e de atitude reconheça as suas responsabilidades. De forma que o aluno sai da escola sem ter verdadeiramente em algum momento entrado nela. (GERHARDT, ALBUQUERQUE e SILVA, 2009, p.89)

Embora a sala de aula seja muitas vezes idealizada como o espaço propício ao desenvolvimento da cognição, onde deveria ocorrer uma interação dinâmica e enriquecedora entre o conhecimento e a experiência do aluno, essa perspectiva, na prática, nem sempre se concretiza. Há uma disparidade significativa entre o que a escola oferece e a realidade vivida pelos alunos, e, frequentemente, percebo uma falha na comunicação entre esses dois mundos. A escola "fala uma língua" que está desconectada do universo em que o aluno vive, criando um distanciamento que compromete o aprendizado.

Em várias situações, observo que, em vez de aproximar-se da realidade do aluno, a escola tende a impor conteúdos e pensamentos que soam "alienígenas" à sua experiência cotidiana. Como resultado, o aluno se vê preso ao seu próprio contexto social e cultural, sem que o conteúdo aprendido tenha uma conexão genuína com sua vida. Isso gera um desencontro entre a teoria apresentada e a prática vivenciada, o que, por sua vez, impede uma aprendizagem verdadeiramente significativa.

Muitas instituições de ensino, bem como seus responsáveis, ainda não reconhecem adequadamente sua responsabilidade em mudar esse cenário. A escola deveria ser um ambiente de reflexão, diálogo e transformação, mas, muitas vezes, essa função é negligenciada. Ao fim do processo educativo, o aluno sai da escola sem ter realmente "entrado" nela, ou seja, sem ter sido capaz de incorporar os conhecimentos de maneira a torná-los relevantes para sua própria vida. O que se observa, na verdade, é a manutenção do status quo, onde a escola não cumpre seu papel de transformar a percepção e a atitude do aluno em relação ao mundo que o cerca.

O início da análise pressupõe um contato prévio com os dados, posto que alguma das seguintes ações, senão todas, envolveram o pesquisador: coleta dos dados, transcrição e sua revisão. Assim, primeiras ideias ou interesses analíticos já podem estar presentes. É de vital importância que o pesquisador realize uma imersão nos dados para familiarização com seus conteúdos em profundidade e amplitude. Essa imersão significa leituras repetidas dos dados. Mais que isso, trata-se de uma leitura realizada de forma ativa, ou seja, que busca por significados, padrões. É ideal começar por uma leitura completa do banco pelo menos uma vez antes da codificação. O valor da leitura e releitura como parte da familiarização também gera novas ideias e a identificação de possíveis padrões que vão se moldando à medida que a leitura se desenvolve. Como referido anteriormente, a despeito da intenção de conduzir uma análise mais, ou menos, detalhada, a busca por temas por uma abordagem teórico-dedutiva ou baseada nos dados-indutiva acaba por guiar o processo de leitura ativa. (ROSA e GALVÃO, 2015; BRAUN, V e CLARKE, V, 2006).

Ao adotar a abordagem proposta por Rosa e Galvão (2015) e Braun e Clarke (2006), realizarei uma análise detalhada da obra de Maria Firmina dos Reis, explorando os temas, as personagens e a linguagem única do livro. A análise começará com uma leitura completa do texto, com o objetivo de identificar padrões e significados, como a relação entre o narrador e a personagem principal, ou as nuances presentes na descrição do ambiente rural.

Dessa forma, a leitura ativa de "Úrsula" serviria como um estudo de caso que demonstra como a imersão nos dados textuais pode revelar novos insights e guiar a codificação, seja adotando uma abordagem teórico-dedutiva ou indutiva. A obra é rica em camadas de significados e pode ser explorada com diferentes lentes analíticas, permitindo que a pesquisa seja enriquecida ao identificar padrões e temas recorrentes no texto, como a identidade, a resistência e a memória, que poderiam emergir como categorias centrais durante o processo de análise.

2.2 Desenvolvimento da Proposta Didático-Pedagógica

A proposta pedagógica que desenvolvi segue o modelo proposto por De Lucia e Hocevar (2008), que apresentam uma abordagem didática de fases interativas para o ensino. De acordo com os autores, os textos raramente são independentes, mas fazem parte de uma trama comunicativa que permite a sua compreensão. Assim, eles interagem com outros textos, estabelecendo um diálogo constante entre diversos autores que emergem no contexto da situação comunicativa, refletindo a polifonia das vozes presentes em um mesmo texto.

Nesse sentido, as atividades didáticas que proponho abordarão temas significativos para os alunos, ao mesmo tempo em que dialoguem com outros materiais, promovendo uma aprendizagem mais rica e significativa.

Além disso, De Lucia e Hocevar discutem a importância dos aspectos afetivos e motivacionais presentes nos textos. Para elas, ao serem lidos, os textos estão impregnados pelos valores e pelo contexto sociocultural em que foram produzidos. O leitor, por sua vez, ao revisitar um texto, traz consigo suas próprias experiências, valores e motivações, o que pode gerar diferentes interpretações e significados ao longo do tempo.

A partir de uma perspectiva metacognitiva, as autoras afirmam que os sujeitos, ao interagir com um texto, fazem uso de um vasto conhecimento acumulado, que inclui tanto os saberes gerais, oriundos da vivência social, quanto saberes específicos, como o linguístico (relacionado à gramática e ao léxico), o interacional (referente às dinâmicas comunicativas) e o de esquemas textuais (que envolvem a organização da informação).

O uso apropriado desses saberes é crucial para a aplicação de estratégias metacognitivas, permitindo uma reflexão mais profunda sobre o próprio processo de aprendizagem, o que resulta no sucesso educativo. Nesse sentido, uma proposta pedagógica eficaz deve integrar e valorizar os aspectos sociais, cognitivos, afetivos e motivacionais dos alunos. Minha proposta pedagógica busca articular um tema de grande relevância social, como a vida na comunidade, ao ensino dos gêneros textuais e aos recursos e estratégias que os sustentam."

Dessa forma, nas atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura, busco promover o desenvolvimento integral dos alunos, considerando seus aspectos intelectuais, psicológicos e sociais. As atividades são projetadas para estimular a reflexão sobre questões sociais atuais, levando os alunos a pensarem sobre seu papel como sujeitos sociais e cidadãos. Essa abordagem

visa evidenciar a relação de causa e efeito entre os temas discutidos e o impacto que essas questões podem ter no seu contexto pessoal e coletivo.

Trata-se de uma extensão da tradição anterior, no sentido de que leva, para a sala de aula, as implicações de uma determinada teoria linguística (às vezes acompanhadas por outras teorias advindas de outras áreas do conhecimento) que embasa uma certa abordagem de ensino a ser investigada em termos de uma relação de causa e efeito quanto ao desempenho de aprendizes ou do produto final da aprendizagem. Assim, tal abordagem constitui uma hipótese sobre o processo de ensinar/aprender línguas a ser testada em sala de aula, através de um desenho de pesquisa quase-experimental, envolvendo grupo experimental e de controle, como também a manipulação de variáveis que possam afetar a validade externa e interna da pesquisa. Submetem-se os alunos, então, a testes para aferir o produto final da aprendizagem, cujos resultados serão tratados estatisticamente, de modo a se poder estabelecer relações de causa e efeito entre a hipótese testada (tratamento experimental) e o produto da aprendizagem. (DE LUCIA E HOCEVAR, 2008, p. 232)

O texto de Applegate, M. D., Quinn, K. B. e Applegate, A. J. (2002) reforça que o professor, ao avaliar a leitura de seus alunos, deve incentivá-los a ler não por obrigação, mas por prazer. A leitura, quando abordada dessa forma, torna-se uma experiência enriquecedora, na qual os alunos conseguem conectar suas experiências passadas aos textos, expandindo seu autoconhecimento, sua compreensão do outro e, principalmente, cultivando o amor pela leitura. No entanto, os estudos apontam que muitos professores ainda avaliam o conhecimento dos alunos de forma rasa e literal, utilizando questões que apenas extraem respostas diretas do texto. Esse tipo de abordagem faz com que a leitura se torne uma atividade monótona e até dolorosa para os estudantes, que não se sentem identificados com o texto e se limitam à leitura mecânica, sem uma análise crítica. Assim, ao se focarem na leitura literal e superficial, os alunos perdem a oportunidade de discutir as ideias do texto, e grande parte dos professores ainda não compreende como orientar o estudo de leitura de forma significativa.

Além disso, como abordado por Sinha, Chris (1999), é importante reconhecer que as crianças não aprendem da mesma maneira, nem com o mesmo ponto de vista. O aprendizado, então, deixou de ser uma experiência universal e passou a ser entendido como uma perspectiva multifacetada e multidisciplinar, que deve considerar as vivências e particularidades de cada aluno, pois cada ser é único.

Portanto, em minha abordagem pedagógica, tanto no diagnóstico quanto no planejamento de ensino, deve-se priorizar a capacidade de pensar e responder de maneira reflexiva ao texto. Isso deve ser o cerne de minha filosofia de leitura, como evidenciado nas

perguntas que elaborei para o processo diagnóstico. Este diagnóstico será realizado por meio de textos que se relacionam com a realidade do aluno, permitindo que ele extraia suas primeiras impressões e percepções, já interiorizadas, e com base nisso, desenvolva uma leitura mais profunda e crítica.

Tendo como base a notícia e o gráfico abaixo, farei as seguintes perguntas:

globo.com g1 ge gshow videos ASSINE JÁ MINHA CONTA E-MAIL ENTRAR >

MENU g1 RIO DE JANEIRO BUSCAR

Uma mulher é vítima de feminicídio a cada 5 dias no RJ, revela Dossiê Mulher

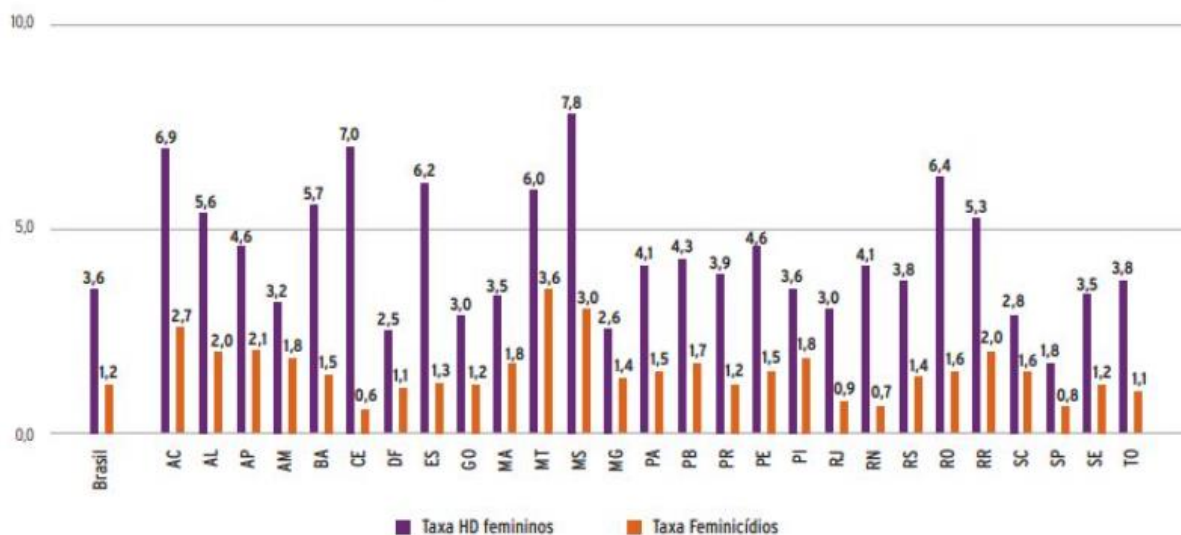
Levantamento feito pelo ISP e obtido com exclusividade pela GloboNews mostra que 350 mulheres foram assassinadas no estado ao longo de 2018; destes homicídios, 71 foram registrados com a qualificadora de que a vítima foi morta apenas pelo fato de ser mulher.

Por Júlia Arraes, GloboNews
29/04/2019 11h14 - Atualizado há 2 anos

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/29/uma-mulher-e-vitima-de-feminicidio-a-cada-5-dias-revela-dossie-mulher.ghtml>

Taxa de homicídios femininos e feminicídios, por UF. Brasil (2020)



Fonte: Secretarias Estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social; Observatório de Análise Criminal / NAT / MPAC; Coordenadoria de Informações Estatísticas e Análises Criminais –

COINE/RN; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Fórum Brasileiro de Segurança Pública.(Acessado em 03/10/2021)

Na sua opinião, por que há tantos casos de feminicídio?

Em minha visão, os casos de feminicídio estão profundamente enraizados em uma construção social que perpetua a ideia de que o homem deve ser superior à mulher, com base em um sistema de crenças que reforça a força, o domínio e a posse como formas de relacionamento. Muitos homens, desde a infância, são educados dentro dessa perspectiva, em que a agressão e a dominância são vistas como normais ou aceitáveis, especialmente durante momentos de estresse ou discussão. Essa visão distorcida da masculinidade leva a reações violentas, como os feminicídios, onde a mulher é vista como propriedade e, ao tentar se libertar ou desafiar esse controle, pode ser fatalmente punida.

Além disso, é importante destacar que, ao longo do tempo, as atitudes agressivas contra as mulheres têm sido naturalizadas na sociedade, o que resulta na banalização da violência doméstica e no crescente número de mortes. No entanto, é possível observar que, em muitos casos, as justificativas para essas mortes podem ser ligadas a comportamentos da mulher que são julgados como inadequados ou desrespeitosos, de acordo com normas sociais e culturais preexistentes.

Por exemplo, dentro de certos ambientes culturais, como o funk e o pagode, onde muitas vezes as mulheres são retratadas como objetos sexuais e propriedades dos homens, essa mentalidade é reforçada, perpetuando a ideia de posse e controle. Em sala de aula, nas ruas e até em casa, os jovens frequentemente reproduzem essas mensagens, seja por meio de músicas ou comportamentos. Não é raro que alunos expressem verbalmente esse tipo de pensamento, reforçando o estigma de que a violência contra a mulher é, de alguma forma, justificada.

Exemplo de música que ridiculariza a mulher, eles ouvem e faz sucesso:

SE EU LARGAR O FREIO

Composição: Carlos Caetano / Claudemir / Marquinho Índio.

Vou de casa pro trabalho

Faça sol ou faça chuva

Do trabalho vou pra casa na moral

O que eu faço pra você

Sem zoeira, sem balada, sem marola

Nunca tá bom

Sem mancada, eu tô legal

Pago as contas, faço as compras

Tudo bem, eu sei	E nem uma vassoura tu passas no chão
É minha obrigação. Mas eu tenho	Meus dedos estão se colando
Reclamações a fazer	De tanta gordura que tem no fogão
Mas eu tenho	Se eu largar o freio
Que conversar com você	Você não vai me ver mais
Mas eu tenho	Se eu largar o freio
Reclamações a fazer	Vai ver do que sou capaz
Mas eu tenho	Se eu largar o freio
Que conversar com você	Vai dizer que sou ruim
A pia tá cheia de louça	Se eu largar o freio
O banheiro parece que é de botequim	Vai dar mais valor pra mim
A roupa toda amarrotada	Paracundê, paracundê, paracundê, ê ô
E você nem parece que gosta de mim	Paracundê, paracundê, paracundê ê a
A casa tá desarrumada	

QUESTÕES

1. Ao ver uma briga entre marido e mulher, como você se posicionaria se fosse sua filha?

POSSÍVEL RESPOSTA: Se eu fosse filha, provavelmente me posicionaria de forma a tentar ajudar, acalmando ambos e buscando uma forma de orientar o casal de maneira pacífica. Tentaria agir com empatia, visando o bem-estar de todos. Se fosse uma briga entre outras pessoas, talvez não me envolvesse diretamente, mas observaria com cautela e avaliaria a situação. A falta de empatia em algumas mulheres pode refletir em um distanciamento emocional, o que, em casos extremos, pode se manifestar no aumento de casos de violência, como evidenciado pelos dados do IBGE.

2. Para você, quais seriam as causas desse aumento do feminicídio?

POSSÍVEL RESPOSTA: O aumento do feminicídio pode ser causado por diversos fatores, incluindo a perpetuação de padrões culturais machistas, a naturalização da violência

nas relações amorosas, a falta de educação sobre respeito e igualdade, a dependência emocional e financeira de muitas mulheres e a insuficiência de políticas públicas de proteção. A impunidade e a invisibilidade do problema também contribuem para o crescimento dessa violência.

3. Como você explica a frase: “ela pediu para apanhar!”?

POSSÍVEL RESPOSTA: Essa frase é um exemplo claro de culpabilização da vítima e de uma mentalidade que ainda pervade a sociedade, que tende a justificar a violência contra as mulheres. Ela minimiza a responsabilidade do agressor e coloca a culpa na vítima, o que distorce a realidade e contribui para a normalização da violência doméstica. Nenhuma mulher "pede" para ser agredida; a agressão é uma escolha do agressor, que é responsável por seus atos.

4. Por que os homens agredem as mulheres, segundo a notícia?

POSSÍVEL RESPOSTA: A agressão contra as mulheres pode ser explicada por diversos fatores, como a tentativa de controle e domínio sobre elas, o reflexo de um sistema patriarcal que enxerga a mulher como inferior, a falta de empatia e compreensão da importância do respeito mútuo nas relações, além de questões psicológicas ou traumas vividos pelos agressores. As notícias frequentemente apontam que muitos desses casos envolvem relacionamentos abusivos, onde os homens tentam impor sua vontade através da violência.

As perguntas serão formuladas de forma ampla e aberta, criando um espaço para que as respostas explorem as diversas nuances e complexidades do tema do estupro no contexto afetivo, familiar e social. Essas questões podem abordar não apenas as experiências individuais das vítimas, mas também as dinâmicas de poder, controle e manipulação que frequentemente se manifestam em relações íntimas e familiares.

É importante considerar a interação entre os aspectos psicológicos, emocionais e físicos envolvidos, bem como os efeitos duradouros que o trauma pode ter nas vítimas. Além disso, as perguntas podem abordar os gatilhos que surgem em situações relacionadas ao abuso, como a violência emocional, a coação ou a falta de consentimento, explorando como esses fatores podem se entrelaçar em diferentes contextos, dificultando a identificação e a prevenção do abuso.

3 A PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

A proposta de trabalho que estou desenvolvendo tem como base um conjunto de dados valiosos fornecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), assim como uma observação detalhada do comportamento de homens e mulheres da comunidade de Costa Barros no que diz respeito ao empoderamento feminino e ao papel da mulher na sociedade, durante o período de 2014 a 2019. Neste trabalho, buscarei apresentar informações relevantes provenientes dessas fontes, reconhecendo que, embora as metodologias adotadas por cada pesquisa sejam distintas, com a amostragem representativa do Brasil como um todo, as informações coletadas têm grande importância e relevância para a análise e discussão sobre os desafios e as transformações que ocorrem na sociedade em termos de gênero.

Embora os métodos das pesquisas difiram, o que, por vezes, dificulta a comparação direta e a análise da evolução da vitimização das mulheres, cada uma dessas fontes oferece dados ricos que iluminam aspectos críticos do comportamento social. Em particular, essas informações são cruciais para entender a complexidade da realidade de Costa Barros e como o comportamento social das mulheres e dos homens impacta a dinâmica de gênero e as relações interpessoais na comunidade. A partir dessa análise, espero contribuir para uma reflexão mais profunda sobre os desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade atual.

A primeira observação que fiz em meu campo de pesquisa ocorreu dentro do ambiente escolar, onde observei um comportamento que me chamou a atenção: meninas destruíam banheiros e ridicularizavam suas amigas, principalmente as novas namoradas dos ex-namorados. Era notório que, ao invés de questionar a responsabilidade dos homens envolvidos, a culpa recaía sobre as mulheres atuais, aquelas que estavam com seus ex-parceiros. Essa dinâmica revelou-se não apenas dentro da escola, mas também nas práticas cotidianas da comunidade, onde houve vários casos de agressões físicas entre as ex-namoradas e as novas parceiras, algo que era amplamente tolerado e até mesmo incentivado pelos amigos e familiares envolvidos.

Essa observação inicial me levou a refletir sobre o papel de gênero presente nas interações e nas relações dentro da comunidade de Costa Barros. Muitas mulheres saem para trabalhar fora, enquanto muitos homens permanecem em casa, exercendo serviços informais e mantendo, muitas vezes, relacionamentos dentro da própria comunidade, sem se envolver

ativamente no sustento financeiro do lar. Ao mesmo tempo, as parceiras dessas mulheres, que trabalham em empresas formais, continuam a se submeter a um sistema de relações que, em muitos casos, não reconhece o trabalho feminino de maneira igualitária, refletindo a desigualdade que persiste no cotidiano da comunidade.

Essas dinâmicas de gênero, em que as mulheres são frequentemente responsabilizadas pelos conflitos, enquanto os homens permanecem em uma posição de privilégio, revelam um ciclo contínuo de desigualdade que precisa ser analisado mais profundamente. Ao entender os fatores que alimentam esse comportamento, tanto na escola quanto nas relações cotidianas, podemos começar a discutir formas de promover um ambiente mais igualitário e respeitoso para mulheres e homens, quebrando os padrões de violência e opressão que ainda são, infelizmente, comuns em muitas comunidades.

Portanto, este trabalho busca não apenas apresentar dados quantitativos, mas também refletir sobre como esses comportamentos se refletem na vida cotidiana, levando em consideração as interações e relações entre os indivíduos da comunidade e como elas moldam o conceito de empoderamento feminino e o papel das mulheres na sociedade de Costa Barros.

3.1 Femicídio no Brasil

Segundo a socióloga Lourdes Bandeira,

“(...) o feminicídio representa a última etapa de um continuum de violência que leva à morte. Seu caráter violento evidencia a predominância de relações de gêneros hierárquicos e desiguais. Precedido por outros eventos, tais como abusos físicos e psicológicos, que tentam submeter as mulheres a uma lógica de dominação masculina e a um padrão cultural de subordinação que se foi aprendido ao longo das gerações.”

Percebemos, então, que essa prática tem raízes profundas em uma ideia de superioridade masculina que foi interiorizada ao longo de séculos, tanto por homens quanto por mulheres. A crença de que a mulher deve ocupar uma posição hierarquicamente inferior ao homem se consolidou ao longo do tempo, uma vez que eles, historicamente, detiveram mais poder. Essa desigualdade estrutural foi reforçada por normas sociais, religiosas e culturais que validaram o

domínio masculino e subordinavam a mulher ao papel de cuidadora, dona de casa e, muitas vezes, objeto.

Quando essa hierarquia é desafiada ou quando a mulher se recusa a se submeter ao controle masculino, muitos homens recorrem à violência como uma maneira de afirmar sua suposta superioridade, tentando impor a submissão feminina.

Essa visão de que o gênero feminino é naturalmente doce, inseguro e frágil contribui para a construção de uma sociedade que justifica o abuso como uma forma de "corrigir" ou "disciplinar" as mulheres. É uma mentalidade que ainda permeia muitos setores da sociedade, levando a ações violentas que não apenas ferem fisicamente, mas também emocionalmente. O ciclo de violência pode se intensificar com o tempo, onde o agressor se torna cada vez mais cruel, acreditando que sua autoridade sobre a mulher deve ser reafirmada constantemente.

Em casos extremos, essa violência pode escalar para tragédias fatais, como assassinatos e feminicídios, que são reflexos trágicos da incapacidade de muitos homens de aceitar a igualdade e a autonomia das mulheres.

Essa perpetuação da violência de gênero é alimentada pela falta de educação sobre respeito, igualdade e empatia, o que faz com que as vítimas, muitas vezes, se sintam sozinhas e sem apoio. Para combater essa cultura de violência, é fundamental que a sociedade como um todo se mobilize, promovendo a conscientização, o empoderamento das mulheres e a punição rigorosa aos agressores. Além disso, é necessário fortalecer redes de apoio e políticas públicas eficazes que atendam às vítimas e previnam a escalada da violência.

Podemos perceber que, de forma crescente, as mulheres estão se inserindo no mercado de trabalho, desafiando as normas e tradições que historicamente as relegaram ao espaço doméstico ou a ocupações consideradas "secundárias". Esse movimento tem sido especialmente notável nas últimas décadas, com a busca por maior autonomia financeira, desenvolvimento profissional e igualdade de oportunidades.

Ao mesmo tempo, muitos homens têm perdido espaço nas posições de liderança e em algumas áreas que antes eram predominantemente masculinas. Esse fenômeno gerou, por um lado, um sentimento de resistência entre alguns homens, que podem enxergar essa mudança como uma ameaça ao seu papel social e profissional.

Por outro, também há uma certa incompreensão por parte de algumas mulheres, que não entendem ou não aceitam a ascensão de outras figuras femininas em campos como a política, os negócios e as artes, gerando disputas internas de reconhecimento e prestígio. Esse cenário revela um contexto de transformação no qual as relações de gênero estão sendo redefinidas, criando tanto avanços significativos quanto desafios a serem superados para que a igualdade de oportunidades seja efetiva para todos.

Observe a notícia abaixo:



Fonte: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/04/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-tem-5o-ano-de-alta-mas-remuneracao-segue-menor-que-dos-homens-diz-ibge.ghtml>

É possível perceber o crescente avanço da presença feminina no mercado de trabalho. Nos últimos anos, as mulheres têm conquistado mais espaço, incluindo áreas e cargos que antes eram dominados por homens. Este fenômeno reflete uma mudança importante na estrutura laboral e nas perspectivas de igualdade de gênero. Contudo, essa conquista é acompanhada de uma insegurança gerada pela persistente educação patriarcal, que permanece enraizada na sociedade há séculos.

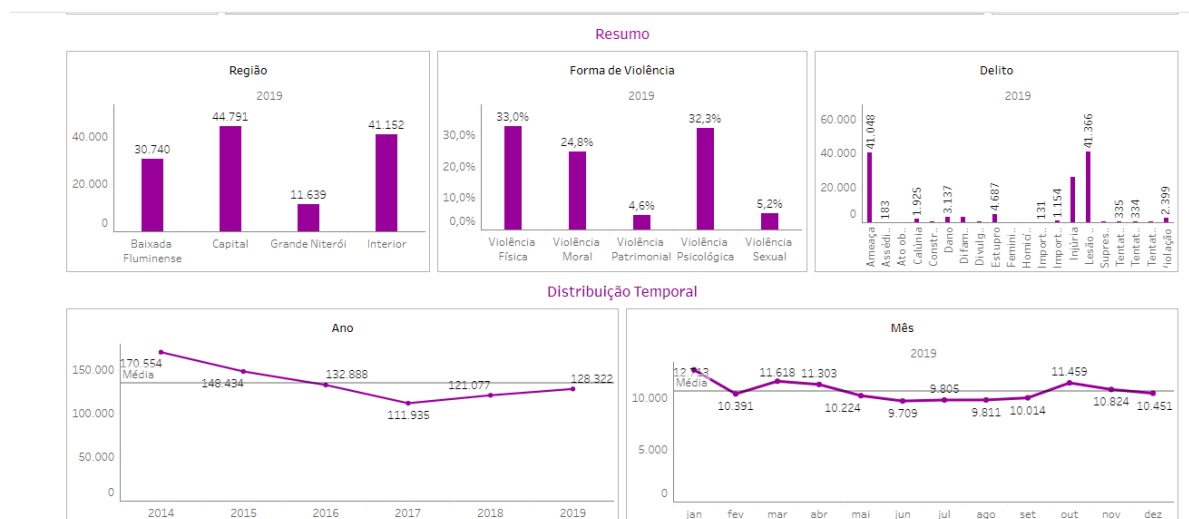
Esse movimento de inclusão no mercado de trabalho também está ligado a uma série de desafios sociais e culturais, que vão além da busca por igualdade de oportunidades. Embora a presença feminina no mercado de trabalho tenha aumentado, a remuneração continua sendo desigual.

O problema do feminicídio no Brasil é uma questão grave que se agrava ao observarmos os dados apresentados pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) em 2019. O gráfico revela um

aumento alarmante no número de casos de feminicídio, indicando que a violência contra a mulher continua a crescer de forma preocupante. Esse cenário sugere que, apesar de diversas políticas públicas e medidas de proteção, as mulheres ainda enfrentam níveis alarmantes de violência, em muitas ocasiões fatais.

Esse aumento reflete não apenas a persistência de uma cultura machista e patriarcal enraizada em muitas partes da sociedade, mas também aponta para falhas nos sistemas de proteção, nas abordagens preventivas e na conscientização sobre o feminicídio. A situação exige a implementação de políticas públicas mais eficazes, como o fortalecimento das leis de proteção à mulher, campanhas de conscientização, e o aprimoramento dos serviços de apoio às vítimas de violência doméstica. É imprescindível que o Estado e a sociedade como um todo se mobilizem para combater essa epidemia de violência, que ainda afeta tantas vidas e limita as oportunidades e a segurança das mulheres.

A crescente onda de feminicídios evidencia uma falha no enfrentamento dessa violência, tornando essencial a implementação de soluções integradas, que envolvam desde a educação até a aplicação rigorosa da lei, para reverter esse quadro de violência crescente que observamos neste gráfico:



Fonte: <https://www.ispdados.rj.gov.br/CrimesVida.html> (Acesso em 15 de julho de 2021)

A análise da diminuição dos feminicídios desde 2014, seguida por um aumento acentuado a partir de 2017, revela a complexidade do fenômeno da violência de gênero e sugere

uma interação de vários fatores. Para entender as causas dessa reversão, é importante observar os seguintes aspectos:

Mudanças nas Políticas Públicas: Embora o Brasil tenha implementado leis mais rigorosas para combater a violência contra a mulher, como a Lei Maria da Penha (2006) e a Lei do Feminicídio (2015), é possível que a implementação dessas políticas ainda apresente lacunas, como a falta de recursos ou de treinamento adequado para os profissionais envolvidos. Além disso, a falta de continuidade em algumas ações, devido a mudanças no governo e em orientações políticas, pode ter enfraquecido a eficácia de programas voltados para a proteção das mulheres.

Fatores Sociais e Culturais: A cultura patriarcal e machista, profundamente enraizada na sociedade brasileira, pode ter influenciado o aumento dos feminicídios. Em um contexto de crescente conservadorismo e retrocessos nos direitos das mulheres, as mulheres podem se ver mais vulneráveis, com o fortalecimento de estereótipos e a naturalização de comportamentos abusivos. O uso das redes sociais para incitação à violência e a normalização de discursos misóginos também podem ter papel no aumento das agressões.

Crise Econômica e Política: A partir de 2017, o Brasil enfrentou um cenário de instabilidade política e uma recessão econômica que afetaram diversos setores da sociedade. A crise econômica aumentou a precariedade de muitas famílias e pode ter levado a um crescimento da violência doméstica, exacerbada pelo estresse financeiro e pela falta de acesso a serviços de apoio e saúde. O enfraquecimento das políticas públicas sociais e a redução de investimentos em segurança e assistência social podem ter contribuído para esse cenário.

Mudanças no Comportamento da Sociedade: A amplificação do debate sobre o feminismo e os direitos das mulheres, embora tenha gerado conscientização e movimento social, também pode ter desencadeado reações violentas por parte de indivíduos que se sentem ameaçados pela mudança nas normas sociais. A resistência a mudanças culturais, especialmente relacionadas à igualdade de gênero, pode ter gerado uma reação em forma de violência, visando silenciar as mulheres e reafirmar antigas estruturas de poder.

Visibilidade e Dados sobre Feminicídios: A crescente visibilidade do feminicídio na mídia e a melhoria no registro e acompanhamento dos casos também podem ter influenciado a percepção de aumento. Embora a conscientização e a denúncia possam ter melhorado ao longo dos anos, isso não significa necessariamente que a violência tenha aumentado de forma

proporcional. O aumento de denúncias e a melhor estruturação de dados podem dar uma impressão de ascensão nos índices.

Em resumo, a reversão da tendência de diminuição dos feminicídios envolve múltiplos fatores, tanto de natureza estrutural, quanto cultural, política e social. Para lidar eficazmente com a violência de gênero, é fundamental a continuidade e ampliação de políticas públicas que visem não apenas punir os agressores, mas também prevenir a violência por meio da educação, do empoderamento das mulheres e do fortalecimento de redes de apoio e proteção.

3.2 Causas do Feminicídio

Como podemos observar no artigo de SOUZA (2020), existem quatro causas principais para o feminicídio:

3.3.1 Desprezo pela mulher e pelo feminino

Esse pensamento de que a mulher é inferior ao homem remonta à Antiguidade. Na Grécia Antiga, embora considerada uma civilização avançada para a época, a mulher era sempre colocada em uma posição de inferioridade. Ela não tinha direitos como o voto ou a liberdade de expressão, e, mesmo em uma sociedade que valorizava a participação política do povo, a figura feminina foi sempre excluída desse contexto.

Ao longo da história, a mulher foi, e ainda é, diminuída, desvalorizada, ridicularizada, sendo muitas vezes vista como a causa da perdição do homem. Existe uma ideia errônea, ainda presente na sociedade, de que a mulher é um erro, um ser limitado. NOGUEIRA (1991) reflete sobre essa visão machista, afirmando:

"No fenômeno da geração, é o homem que desempenha um papel positivo, sua parceira é apenas um receptáculo. Verdadeiramente, não existe mais que um sexo, o masculino. A fêmea é macho deficiente. Não é então surpreendente que este débil ser, massacrado pela imbecilidade de sua natureza, a mulher, ceda às tentações do tentador, devendo ficar sob tutela."

Essa perspectiva de inferioridade da mulher foi transmitida de geração em geração, e, infelizmente, ainda é perpetuada nos dias de hoje. Comentários como "só podia ser mulher" ou "ela acabou com o meu relacionamento" continuam a reforçar esse desprezo. Em uma sociedade que impõe uma divisão de papéis rígidos, em que a mulher é vista como dona de casa, mãe e objeto sexual, enquanto o homem é o provedor, a ideia de subordinação feminina ainda prevalece. Esse conceito de inferioridade pode desencadear atitudes violentas, que, em casos extremos, resultam no feminicídio.

Muitos homens, e até algumas mulheres, ainda enxergam a mulher apenas em papéis tradicionalmente impostos, como dona de casa, mãe e objeto sexual. Nesse contexto, o homem, como "dono do lar", acredita ter o poder de controlar a mulher, sua parceira. Quando a esposa não aceita essa autoridade ou se recusa a cumprir suas ordens, ela é ameaçada e, frequentemente, agredida. O ciclo de violência pode, então, culminar no feminicídio ou se arrastar por toda a vida do casamento.

3.3.2 Posse

Antes da emancipação feminina, as mulheres eram preparadas desde a infância para ocupar o papel de donas de casa, esposas e mães. O casamento era idealizado como o grande objetivo da vida da mulher, sendo solteira uma vergonha social. A sociedade insistia que esse fosse o único caminho de realização para ela, e todos ao seu redor reforçavam que esse era o melhor investimento da sua vida. Seu papel social seria cuidar do lar, ter filhos e educá-los.

Podemos perceber, através dessas citações e da análise histórica, o quanto essa visão restritiva e preconceituosa da mulher ainda tem impacto nas relações e na perpetuação do feminicídio:

“Intimamente ela não se incomodava. Na vida, para ela, só haveria uma coisa importante: casar-se; mas pressa não tinha, nada nela pedia. Já agarrava um noivo, o resto era questão de tempo.” (BARRETO, 1998, p.29). Fazendo uma comparação, BARRETO (1998), ainda cita que “a todo instante e a toda hora, lá vinha aquele - ‘porque quando você se casar...’ - e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento”.

O casamento, na visão tradicional, oferecia à mulher um estado civil que a definia como comprometida, e isso era o que realmente importava — e ainda importa em muitas comunidades de baixa renda. O amor pelo marido não era uma exigência; o fundamental era a obediência e a submissão a ele. O casamento, além de ser um pacto entre os cônjuges, era visto como uma questão de honra para os pais. Esse conceito remonta aos primórdios das tribos humanas, onde o casamento arranjado tinha uma grande importância, principalmente para o pai, pois representava não apenas um papel social significativo, mas também uma oportunidade lucrativa.

“O casamento já não é mais o amor, não é maternidade, não é nada disso: é simplesmente o casamento, uma coisa vazia, sem fundamento nem nas nossas naturezas nem nas nossas necessidades.” (BARRETO, 1998, p.156).

Um número alarmante de feminicídios tem origem em relacionamentos em que os homens sentem um profundo sentimento de posse sobre as mulheres. Desde os primórdios, parte da sociedade tem encarado a mulher como um bem adquirido pelo homem, uma propriedade a ser utilizada conforme sua conveniência.

Historicamente, a ideia de que casar era um dever da mulher perpetuou a noção de que o marido possuía a esposa como um bem. O amor, por sua vez, era secundário, e o casamento tornava-se a única preocupação da mulher. Esse conceito foi transmitido ao longo dos séculos, mantendo-se até os dias atuais. O homem ainda acredita ter o direito de controlar a mulher, dizendo e fazendo o que bem entender. Como resultado, suas atitudes violentas são frequentemente “justificadas” pela ideia de poder sobre a mulher e pela crença de que ela “mereceu” a violência, utilizando a expressão “eu fiz isso porque você provocou”.

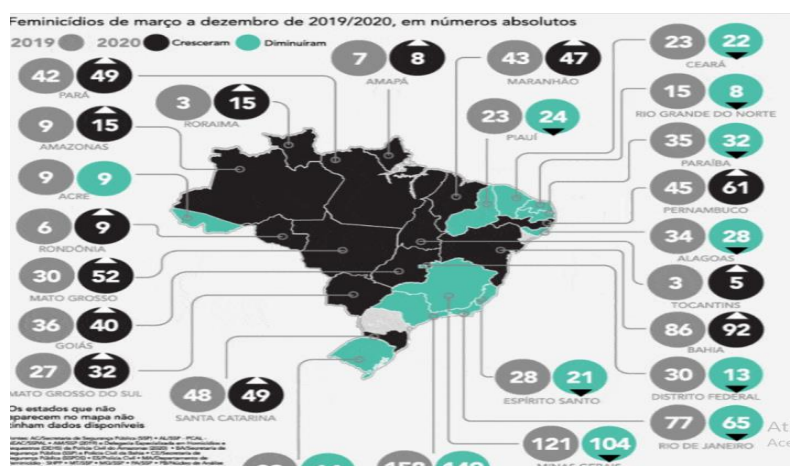
Além disso, muitas mulheres são ensinadas a se submeter a certos comportamentos em nome do matrimônio, dos filhos e de uma suposta “vida boa”. Esse silêncio imposto muitas vezes termina em tragédia, com o feminicídio sendo uma consequência direta dessa cultura de submissão. Quando a violência contra a mulher é vista como aceitável, há uma certa justificativa para a atitude violenta do parceiro, namorado, marido ou ex-marido, muitas vezes fundamentada na ideia de que a mulher era propriedade do homem ou que ela fez algo para “merecer” tal agressão.

O feminicídio não ocorre de forma repentina, mas é precedido por uma série de violências, que podem ser psicológicas, verbais, físicas, sexuais, simbólicas ou patrimoniais. A

mulher, condicionada ao silêncio, acaba sendo vítima desse ciclo, que, em muitos casos, leva à morte. Quando algumas mulheres, empoderadas e cansadas do relacionamento abusivo, decidem denunciar ou simplesmente terminar o relacionamento, muitos homens reagem com violência, por enxergá-las como propriedade. Isso evidencia a vulnerabilidade da mulher, que, ao tentar agir, pode colocar sua própria vida em risco.

Não podemos ignorar o impacto da dependência financeira e da violência psicológica, que são consequências diretas da estrutura machista e patriarcal em que vivemos. Muitas mulheres acabam aprisionadas em ciclos de sofrimento, que, infelizmente, podem levar à morte. Para o objetivo deste trabalho, irei focar nas duas primeiras questões, pois o desprezo pela mulher e o sentimento de posse são os pilares que sustentam esse contexto de violência. Esse comportamento contamina tanto meninos quanto meninas, influenciando a dinâmica de relações em lugares como as escolas, onde vemos brigas nas portas, ofensas nos banheiros e a perpetuação de falas como: “ela apanhou porque mereceu”, “ela me provocou” ou ainda, “ela deve respeito a mim!”

Durante a Pandemia, como reportado pela revista eletrônica Amazônia Real na matéria “Um vírus e duas Guerras”, três mulheres foram vítimas de feminicídios por dia. A cada atualização de dados, fica ainda mais assustador saber que, em plena crise sanitária, as mulheres enfrentam mais uma batalha: a luta diária contra o feminicídio. Observe:



Fonte: https://amazoniareal.com.br/na-pandemia-tres-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidios-por-dia/?gclid=CjwKCAjwzOqKBhAWEiwArQGwaDv6B53MlvMIJ7JyblEXIztC4CkfFigtEuS15lZw2NIGEv0Am-uXphoC6TQQA_vD_BwE (Acessado em 13 de junho de 2021)

Nesta mídia, aborda-se casos alarmantes de feminicídios durante os meses da pandemia, entre março e dezembro. Durante esse período, 14 estados brasileiros registraram um aumento no número de feminicídios, com um crescimento geral de 20% em comparação com o mesmo intervalo de 2019. Mato Grosso e Pernambuco se destacaram, com as maiores elevações em números absolutos: 22 casos a mais (um aumento de 73%) e 16 casos a mais (36%) respectivamente, em relação ao ano anterior. Outro estado que merece destaque é o Amazonas, onde houve um aumento de 67% no número de feminicídios neste período.

Julieta Palmeira, secretária de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia, afirmou: “O aumento da violência contra as mulheres e da subnotificação dessa violência é uma evidência mundial, e o Brasil não é exceção. A perspectiva é a de que, enquanto perdurar a pandemia da Covid-19, essa situação se agrave.”

É com base nesses dados alarmantes que pretendo trabalhar a leitura e a escrita com nossas crianças. Percebo que muitas meninas ainda alimentam o sonho do "casamento perfeito", onde são vistas como propriedade do homem, com a responsabilidade de servi-lo, gerar filhos e proteger essa relação, sem questionar o que a sociedade estabelece e perpetua. Esse ideal, que é enraizado há tantos anos, continua a destruir vidas, exterminando mulheres e causando danos irreparáveis nas famílias. Muitas crianças, que convivem com essas situações de violência em seus lares, presenciam atos brutais todos os dias, impactando profundamente suas infâncias e seus conceitos sobre relacionamentos saudáveis e igualitários.

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável foi adotada na Cúpula das Nações Unidas em Nova York, de 25 a 27 de setembro de 2015. Ela é uma agenda abrangente e universal, composta por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas associadas, que são integradas e indivisíveis. Com base nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), a Agenda 2030 visa orientar os Estados-Membros a reconfigurarem suas abordagens para alcançar um desenvolvimento inclusivo, centrado nas pessoas e sustentável, assegurando que ninguém seja abandonado.

A erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é reconhecida como o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Todos os países e todas as partes interessadas devem agir em parceria colaborativa para implementar este plano. Estamos decididos a libertar a humanidade da tirania da pobreza e da carência, ao mesmo tempo que curamos e protegemos nosso planeta. Tomaremos as medidas ousadas e transformadoras necessárias para colocar o mundo em um caminho sustentável e resiliente.

Em suma, os 17 ODS e 169 metas visam construir sobre os ODMs e superar suas limitações, realizando os direitos humanos de todos, promovendo igualdade de gênero e empoderamento das mulheres e meninas. Os ODS são integrados e indivisíveis, equilibrando as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental.



Fonte: <https://17minionucsw2016.wordpress.com/2016/08/28/parcerias-sao-a-chave-para-o-sucesso-da-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel/> (visto em 15/09/202)

As interligações entre os ODS e a natureza integrada da Agenda são essenciais para garantir que o propósito da nova Agenda seja alcançado. Se conseguirmos concretizar nossas ambições em todos os aspectos da Agenda 2030, as vidas de todos serão profundamente melhoradas, e nosso mundo será transformado para melhor.

Trabalhar o feminicídio e o empoderamento feminino na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU) é essencial, pois ambos os temas estão diretamente relacionados à promoção da igualdade de gênero e à erradicação da violência contra as mulheres. Essas questões são pilares fundamentais para o cumprimento das metas da Agenda 2030, especialmente no que diz respeito ao ODS 5, que visa garantir a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

O feminicídio, que se refere ao assassinato de mulheres por razões relacionadas ao seu gênero, representa uma forma extrema de violência. A erradicação dessa prática é um passo crucial para assegurar que as mulheres possam viver sem o medo constante de violência. Isso tem impactos profundos no bem-estar, na saúde mental e na capacidade das mulheres de contribuir de forma plena para a sociedade. Combater o feminicídio e outras formas de violência de gênero é uma prioridade no ODS 5, que busca eliminar todas as formas de violência contra mulheres e meninas, tanto em esferas públicas quanto privadas.

Já o empoderamento feminino é indispensável para que as mulheres tenham acesso a oportunidades, possam tomar decisões autônomas sobre suas próprias vidas e exercer plenamente seus direitos. O ODS 5 também foca em garantir que as mulheres tenham acesso a recursos, educação de qualidade, saúde e possam participar de forma ativa e igualitária na vida política e econômica. O empoderamento das mulheres tem um efeito multiplicador, pois promove a igualdade social e fortalece o desenvolvimento sustentável, impactando positivamente famílias, comunidades e economias.

Integrar a luta contra o feminicídio e o empoderamento feminino na Agenda 2030 vai além de uma questão de justiça social; é uma estratégia vital para alcançar uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável, onde todos, independentemente do gênero, tenham as mesmas oportunidades e direitos.

4 PERCURSOS DO TRABALHO EM COMPREENSÃO LEITORA

A descrição das etapas da atividade está bem estruturada, promovendo uma abordagem pedagógica que envolve a leitura, análise crítica, reflexão e produção dos alunos, além de integrar o desenvolvimento metacognitivo. Vamos detalhar como cada fase pode ser configurada para garantir que o processo metacognitivo seja devidamente estimulado em cada uma delas:

Fase 1: Ativação de Conhecimentos Prévios

Na primeira fase, o objetivo principal é gerar uma conexão entre os alunos e os textos, permitindo que eles tragam suas experiências pessoais e suas interpretações. Aqui, é importante que o professor crie um ambiente de escuta ativa, valorizando as percepções e opiniões dos alunos sobre os temas abordados, como feminismo e violência de gênero, apresentados nos textos. A leitura coletiva do texto "Dona de mim", de Arthur Marques, e das campanhas publicitárias ou reportagens sobre feminicídio pode ser enriquecida com questões provocativas que incentivem os alunos a refletirem sobre como esses temas se manifestam em seu cotidiano.

Objetivos metacognitivos:

Estimular os alunos a refletirem sobre suas próprias experiências e como essas experiências podem influenciar sua compreensão do tema.

Incentivar a tomada de consciência sobre suas percepções iniciais e a como essas percepções podem ser moldadas pelo conhecimento coletivo.

Fase 2: Leitura

Aqui, os alunos são convidados a analisar individualmente cada cena apresentada nos textos, criando uma conexão mais profunda com o conteúdo. A etapa de leitura é uma oportunidade de promover uma análise crítica das cenas retratadas na letra de Marques e nas campanhas, relacionando-as aos temas discutidos anteriormente. Durante essa fase, o foco deve ser na interpretação pessoal e na construção de significados com base nas experiências e impressões dos alunos.

Objetivos metacognitivos:

Incentivar os alunos a fazerem uma leitura ativa e reflexiva, onde eles são capazes de se questionar sobre o que estão lendo e por quê.

Levar os alunos a refletirem sobre como suas percepções podem se transformar com base nas novas informações adquiridas através da leitura.

Fase 3: Pós-leitura e Produção Criativa

Nessa fase, os alunos, divididos em grupos, irão trabalhar em uma reflexão mais profunda sobre o conteúdo lido, além de aplicar sua compreensão em uma forma de intervenção criativa, modificando a cena e incorporando novas interpretações. A criação de vídeos que modernizam o texto e reimaginam as cenas permite que os alunos não só se apropriem do conteúdo, mas também desenvolvam suas habilidades criativas e colaborativas.

Objetivos metacognitivos:

Estimular os alunos a refletirem sobre o processo de criação, considerando como suas escolhas criativas podem alterar a mensagem ou interpretação original.

Desenvolver a capacidade de autoavaliação ao observar o impacto de suas mudanças na interpretação do texto.

Fase 4: Tomada de Consciência e Produção Final

Por fim, os alunos são incentivados a refletir sobre o que aprenderam ao longo do processo e como isso os capacita a modificar e criar textos de forma crítica e consciente. Essa etapa pode incluir uma análise das produções criadas pelos grupos, destacando o desenvolvimento das habilidades metacognitivas, como a análise de seu próprio processo de aprendizagem e a capacidade de fazer críticas construtivas.

Objetivos metacognitivos:

Ajudar os alunos a perceberem sua própria evolução no processo de leitura, interpretação, criação e reflexão.

Estimular os alunos a desenvolverem habilidades de autoavaliação e crítica construtiva sobre suas produções e sobre o processo vivido.

Com esse planejamento, as etapas não só envolvem a leitura e a criação, mas também garantem que os alunos se tornem mais conscientes de como suas experiências, interpretações

e ações impactam na compreensão do texto, promovendo uma aprendizagem mais profunda e reflexiva.

4.1 Fase 1: Fase do Autoconhecimento: Reconhecer-se Mulher

A primeira fase do processo se integrará à esfera das representações simbólicas dos participantes, considerando seus saberes, conhecimentos prévios e suas relações com o tema apresentado. A atividade proporcionará os meios para compreender como se articulam os pensamentos e processos metacognitivos nas respostas dos alunos.

Iniciarei um trabalho com a leitura de textos que abordam o tema “Reconhecimento do papel social atribuído à mulher e empoderamento feminino”. O texto de Arthur Marques, *Dona de Mim*, será utilizado para que o leitor possa associar a experiência vivenciada ao conteúdo do texto e tirar conclusões lógicas sobre o tema. Nesse momento, os alunos serão motivados a revelar seus conhecimentos prévios sobre a temática, possibilitando a socialização e troca de ideias a partir da interação com os demais, com o objetivo de desenvolver o respeito pelas opiniões divergentes e estimular a comunicação das suas ideias sobre esse assunto.

Esta fase se integrará ao universo das representações simbólicas dos participantes, levando em consideração os saberes já interiorizados, e criando um ambiente propício para afirmar a natureza interativa da cognição, refletindo sobre o que deveria ocorrer entre as pessoas, mas que, muitas vezes, não acontece. O cenário descrito, que é de desencontro, caracteriza a ausência de diálogo: a escola fala uma língua, o aluno, outra; a escola propõe pensamentos alienígenas à vida do aluno, e ele, naturalmente, se mantém no lugar de onde veio, perpetuando-se em um estado onde a verdadeira mudança de atitude e perspectiva ainda não se concretizou. Consequentemente, o aluno sai da escola sem, de fato, ter vivenciado o processo de aprendizado.

A avaliação das respostas fornecidas pelos alunos será observada, considerando que eles responderão de acordo com seus condicionamentos. Pretendo afirmar que, apesar das diferentes perspectivas sobre o texto, os alunos tendem a buscar reproduzir um nível de pensamento mais linear. Em meu objeto de estudo, buscarei a desconstrução da imagem tradicional da mulher, recatada e submissa, e os alunos, orientados pela professora, farão uma reflexão crítica sobre o

papel da mulher na sociedade atual, algo bem diferente das respostas moldadas que normalmente estão acostumados a dar, reproduzindo o conteúdo do texto sem uma abordagem metacognitiva sobre os significados. A intenção é proporcionar aos alunos uma nova realidade, um novo olhar, que rompe com as repetições de ideias que limitam sua criatividade e autonomia.

A partir da diagnose, buscarei entender os resultados dos exercícios de leitura, com o objetivo de evidenciar a importância de atividades como essa. Os alunos terão acesso a diversas interpretações dos elementos que compõem o universo escrito de um texto, de modo que, ao final da leitura, não permanecem no ponto inicial de onde partiram. As atividades estimularão a necessidade de realizar pesquisas mais amplas e proporão uma mudança de pensamento, justificando suas ideias a partir da análise crítica do ponto de vista de cada um.

Como defendem Gerhardt, Albuquerque e Silva (2009, p. 89), a leitura deve ser um processo que permite ao aluno transformar suas percepções e criar interpretações mais pessoais, para que passem a desenvolver uma visão mais autêntica e reflexiva dos textos em sala de aula.

Inicia-se, então, um processo interpretativo que visa que os alunos não apenas recebam informações, mas que se tornem conscientes da sua própria interpretação, reconhecendo suas perspectivas individuais e como elas moldam sua compreensão do mundo. Esse processo de conscientização é fundamental para que os alunos compreendam que a leitura vai além do nível literal; ela envolve também uma análise crítica e uma reflexão sobre os múltiplos significados de um texto. Autores como Paulo Freire e Miguel Arroyo já alertavam para a importância de entender a leitura como um ato de transformação, onde o aluno, ao se deparar com um texto, é desafiado a questionar, a refletir e, principalmente, a se posicionar.

A leitura, portanto, deve ser encarada não apenas como um meio de absorver conteúdos preestabelecidos, mas como uma prática que envolve a construção de sentido a partir da interação entre o que o aluno já sabe e o que o texto apresenta. Nesse contexto, a escola tem o papel de proporcionar essas condições de encontro, favorecendo um ambiente onde o aluno possa se expressar, questionar e desenvolver uma visão mais crítica e autônoma sobre a realidade que o cerca.

Esse movimento de ampliação da leitura, que ultrapassa o mero decodificar palavras e frases, exige um esforço contínuo e conjunto de professores, alunos e gestores educacionais. O desafio está em criar um espaço educacional que valorize a diversidade de interpretações e

possibilite ao aluno não apenas se apropriar de informações, mas também transformá-las de acordo com seu próprio olhar sobre o mundo;

Metacognição refere-se, grosso modo, ao processo de pensar sobre o pensamento que se desenvolve para a resolução de um problema (Bruer, 1993). Efklides (2008) elenca um conjunto de questões que reforçam as características múltiplas do termo 'metacognição'. A metacognição possuiria processos conscientes e inconscientes para o indivíduo, sendo que um processo global metacognitivo seria composto por: a) conhecimento metacognitivo (um A sistema de crenças sobre o funcionamento cognitivo); b) experiência metacognitiva (cognição que a pessoa percebe enquanto desempenha uma tarefa; e c) habilidades metacognitivas de natureza procedimental para o controle da própria cognição. (...). Nessa perspectiva, Feltovitch, Prietula e Ericsson (2006) mencionam as seguintes características relacionadas à expertise na performance: a) a seleção de informações relevantes; b) processos sofisticados de automonitoramento para adaptação da performance; e c) a adaptação refinada da mente e do corpo para o alcance de objetivos específicos em determinadas tarefas. (ROSA e GALVÃO, 2015; BRAUN, V e CLARKE, V, 2006, pp. 3 e 4)

Considerando que os conhecimentos prévios, armazenados na memória, são fundamentais para a cognição humana, a pergunta que orientou esta fase do estudo foi: Quais conhecimentos prévios dos participantes servem como referências para gerar determinadas opiniões e, por conseguinte, comportamentos específicos em relação ao reconhecimento do papel social atribuído à mulher e ao empoderamento feminino?

Para ativar os conhecimentos prévios dos participantes, o método adotado consistiu em um conjunto de textos, acompanhados de perguntas abertas e reflexivas, como proposto por Applegate, Quinn e Applegate (2002). O objetivo é proporcionar aos participantes-leitores momentos de reflexão, comentários e defesa de pontos de vista, abordando temas que estejam diretamente ou indiretamente relacionados aos trechos ou à situação do texto como um todo. Nesse sentido, os autores sugerem que é essencial considerar processos cognitivos distintos no desenvolvimento da inferência. Isso implica na avaliação das práticas discursivas de reflexão, ponderações e defesa de pontos de vista, bem como nos julgamentos e análises sobre questões ou temas que se conectam ao conteúdo do texto.

A seguir, apresento algumas questões que serão trabalhadas com base na música "Dona de Mim", de Arthur Marques, com o intuito de levar o aluno a produzir um breve texto que evidencie a perspectiva de cena que ele considerou mais relevante.

O objetivo principal é proporcionar aos participantes, por meio da leitura e reflexão, oportunidades para expressarem suas opiniões, refletirem e defenderem pontos de vista relacionados aos temas abordados no texto. A proposta envolve a consideração de diferentes processos cognitivos, fundamentais no desenvolvimento da inferência e na construção do sentido do texto. Portanto, a análise das práticas discursivas, como reflexão, ponderação e defesa de pontos de vista, torna-se essencial para que os participantes possam fazer julgamentos e realizar análises sobre questões e temas que se conectam ao conteúdo do texto.

Nesse contexto, a atividade proposta gira em torno da música "Dona de Mim", de Arthur Marques, e seu objetivo é levar o aluno a identificar e aprofundar-se na cena ou perspectiva que considera mais relevante. A partir disso, ele será incentivado a produzir um texto que evidencie suas interpretações, destacando a perspectiva mais significativa que ele percebeu ao longo da análise. O foco está na capacidade do aluno de interpretar, fazer conexões e defender sua visão crítica sobre a obra, através da construção de um argumento claro e fundamentado.

Texto 1: Dona de mim, de Arthur Marques:

Já me perdi tentando me encontrar	Mas não afogo, não
Já fui embora querendo nem voltar	Sempre dou o meu jeitinho
Penso duas vezes antes de falar	É bruto, mas é com carinho
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca	Porque Deus me fez assim
Sempre fiquei quieta, agora vou falar	Dona de mim
Se você tem boca, aprende a usar	Deixo a minha fé guiar
Sei do meu valor, e a cotação é dólar	Sei que um dia chego lá
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca	Porque Deus me fez assim
Me perdi pelo caminho	Dona de mim
Mas não paro, não	Já não me importa a sua opinião
Já chorei mares e rios	O seu conceito não altera minha visão

Foi tanto sim, que agora digo não

Não me limite que eu quero ir além

Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Quero saber só do que me faz bem

Me perdi pelo caminho..

Papo furado não me entretém

QUESTÕES:

1. Você já viu uma mulher com medo do marido? Descreva essa situação.

POSSÍVEL RESPOSTA: Sim, já presenciei situações em que uma mulher demonstrava medo do marido. Muitas vezes, era evidente pela maneira como ela evitava olhar nos olhos dele, a postura corporal tensa e o tom de voz baixo e cauteloso ao falar. Em outras ocasiões, ela parecia hesitar antes de expressar sua opinião ou desejo, como se tivesse medo da reação dele. Isso indicava um ambiente de controle ou até de violência emocional.

2. Quando uma mulher diz “penso duas vezes, antes de falar”, o que você acha que poderia ter acontecido para ter esta atitude?

POSSÍVEL RESPOSTA: A mulher provavelmente passou por experiências onde suas palavras foram mal interpretadas ou causaram consequências negativas, talvez até resultando em confrontos, críticas ou desvalorização. Isso pode ter gerado insegurança ou um medo de ser julgada, levando-a a refletir mais antes de se expressar, para evitar conflitos ou reprovação.

3. Por que a personagem tem medo de retaliação do marido? O que você pensa sobre isso?

POSSÍVEL RESPOSTA: O medo de retaliação pode ser devido a um padrão de comportamento abusivo, seja físico, psicológico ou emocional, no qual o marido reage de maneira violenta ou severa a qualquer tentativa de desobediência ou discordância. Esse medo é um reflexo de uma dinâmica de poder desigual e prejudicial, onde a mulher sente que suas ações ou palavras podem trazer consequências sérias.

4. Releia o trecho do texto 1, para responder às perguntas:

“Sempre fiquei quieta, agora vou falar

Se você tem boca, aprende a usar

Sei do meu valor, e a cotação é dólar

Porque a vida é louca, mano, a vida é louca”

a. O que a personagem poderia falar?

- b. POSSÍVEL RESPOSTA:** Ela poderia finalmente expressar sua opinião ou reclamar de algo que a incomodava, algo que antes ela não tinha coragem de dizer por medo ou insegurança.

b. Para você, a vida é louca para a personagem? E como seria essa loucura?

POSSÍVEL RESPOSTA: Sim, a vida parece ser "louca" para a personagem, no sentido de que ela está rompendo com um padrão de comportamento passivo e agora está se afirmando, o que é uma mudança radical. Essa "loucura" seria a quebra de normas e expectativas, a revolução interna que ela está vivendo ao tomar as rédeas de sua vida.

c. Você acha dessa forma de ser a vida louca?

POSSÍVEL RESPOSTA: Acredito que a vida "louca" descrita pela personagem representa uma forma de libertação, onde ela rompe com a passividade e se dá permissão para ser quem realmente é, o que pode parecer "louco" para quem a observava antes. Isso, para ela, pode ser um passo de autoconhecimento e empoderamento.

5. No trecho do texto 1:

“Já não me importa a sua opinião

O seu conceito não altera minha visão

Foi tanto sim, que agora digo não

Porque a vida é louca, mano, a vida é louca”

a. Que opinião ou conceito teria o personagem?

POSSÍVEL RESPOSTA: O personagem pode estar se referindo a uma opinião que ele ou outras pessoas tentaram impor, uma visão que não condizia mais com a sua própria percepção de si mesmo ou do mundo. Ele se libertou de um conceito externo, provavelmente limitado, que anteriormente o influenciava.

b. Que visão teria você sobre essa opinião ou conceito?

POSSÍVEL RESPOSTA: Eu acreditaria que a opinião ou conceito em questão era limitante e estava impedindo o personagem de viver de acordo com suas próprias crenças e desejos. Ao rejeitar essa ideia, ele se libera para viver de forma mais autêntica e independente.

c. Você já presenciou situações como a descrita no trecho acima. O que você percebeu?

POSSÍVEL RESPOSTA: Sim, em algumas situações, já observei pessoas que estavam seguindo normas ou expectativas alheias, mas, ao chegarem a um ponto de saturação, decidiram romper com isso e começar a agir de acordo com sua própria visão. Isso, muitas vezes, gera um impacto positivo na autoestima e nas relações, embora também possa causar conflitos em quem ainda mantém essas ideias limitantes.

A proposta de reflexão crítica sobre a música "Dona de Mim" busca não apenas analisar os elementos da canção, mas também promover um espaço de debate sobre questões fundamentais que envolvem a identidade e os direitos das mulheres. A partir da letra da música, a atividade pretende explorar temas como empoderamento feminino, expressão pessoal e espiritualidade, considerando como esses elementos se entrelaçam na vivência da mulher moderna.

O empoderamento feminino, como abordado na música, é um tema central que permite aos alunos refletirem sobre as limitações impostas às mulheres pela sociedade. A letra de "Dona de Mim" narra o processo de autodescoberta e fortalecimento de uma mulher que, ao longo de sua jornada, começa a questionar as normas e expectativas que a cercam, reconhecendo sua autonomia e capacidade de se afirmar como dona de seu próprio destino. Esse empoderamento, expresso por meio da afirmação de sua identidade e autonomia, é um convite para que os alunos explorem e discutam as questões de gênero e as formas de superação de estruturas opressivas.

Além disso, a canção faz uma reflexão profunda sobre a expressão pessoal, incentivando os alunos a perceberem a importância da autenticidade na construção de suas próprias narrativas e da afirmação da individualidade. Ao abordar o processo de amadurecimento da mulher, a letra convida os ouvintes a se posicionarem contra normas que limitam o potencial humano e a importância da autoaceitação. Em um contexto educacional, essa análise pode ajudar os alunos a questionarem a pressão para se conformar a estereótipos e buscar a liberdade de ser quem são, sem medo de represálias ou julgamentos.

O aspecto espiritual da música também pode ser explorado, principalmente no que se refere à conexão interna e ao poder de transformação que vem da consciência de si. A música revela uma jornada não apenas de emancipação externa, mas também de fortalecimento interior, que pode ser interpretada como uma metáfora para o autoconhecimento e a espiritualidade, estimulando os alunos a refletirem sobre a relação entre sua fé, identidade e empoderamento.

Em sala de aula, o debate sobre a música pode ser complementado com a produção de textos argumentativos, nos quais os alunos são convidados a expressar suas próprias perspectivas sobre os temas presentes na canção, relacionando-os com experiências pessoais, reflexões sociais e contextos históricos. A atividade proposta visa criar um ambiente de empatia, autoconhecimento e respeito mútuo, onde as diferentes vozes possam ser ouvidas e compreendidas, fomentando um diálogo construtivo sobre a importância da igualdade de gênero, o direito à expressão e a busca pela liberdade de ser.

4.2 Fase 2. Etapa da Leitura

A escolha destes textos foi feita com base na forma como os homens falam sobre as mulheres e como as veem em casa como esposa, mulher e companheira. Na verdade, serve para as meninas entenderem o pensamento dos meninos e para eles refletirem sobre como chegam a esse tipo de pensamento sobre a mulher.

A partir desta motivação, através de reportagens, músicas e vídeos, os alunos revelarão seus conhecimentos prévios sobre o tema abordado, possibilitando a socialização e troca de ideias a partir da interação com os demais. O objetivo é desenvolver o respeito diante de opiniões divergentes e exercitar a comunicação de suas ideias sobre o feminicídio e o empoderamento feminino.

Será explorada a percepção da posição da mulher na sociedade: se elas se percebem como mulheres, se sofrem e percebem isso, ou se essa percepção é velada. Também será abordada a posição da mulher na comunidade, que, mesmo ao sair para trabalhar enquanto o marido permanece em casa, ainda enfrenta uma jornada dupla e, em muitos casos, a violência doméstica, por parceiros que acreditam que elas merecem tal tratamento.

Além disso, os meninos serão convidados a refletir sobre como percebem essas dinâmicas e como sofrem com a masculinidade tóxica, frequentemente influenciada pelas avós

e mães, modelos do machismo em pleno século XXI. Muitas crianças de comunidades não possuem uma figura paterna durante a construção de seu conhecimento. São frequentemente criadas por avós ou padrastos, que nem sempre são reconhecidos como figuras paternas, o que pode resultar em comportamentos agressivos em relação às mulheres. Essas crianças sofrem pressões em casa, nas ruas e no ambiente escolar.

Este será um momento de valorização da mulher e da sensibilidade existente em cada um, permitindo que os alunos mostrem o significado de ser um homem educado, sensível, elegante e companheiro. Trata-se de uma tomada de consciência sobre o que aprenderam: se o que absorveram ainda faz sentido, se precisa ser modificado ou completamente descartado, como reflete Moita Lopes em:

Em meu ponto de vista, mais importante do que se preocupar com os limites disciplinares ou de uma área de investigação é tentar operar dentro de uma visão da construção do conhecimento que tenta compreender o tópico de pesquisa (construindo o objeto de investigação, portanto) em diálogo com vários campos do conhecimento com o objetivo de integrar perspectivas diferentes que possam melhor cooperar na compreensão da questão estudada. (MOITA LOPES, 2000, p. 165)

Texto 2:



The image is a screenshot of a web browser displaying a news article from G1 Rio de Janeiro. The browser's address bar shows 'globo.com g1 ge gshow videos'. The page header includes 'ASSINE JÁ MINHA CONTA E-MAIL ENTRAR >'. The G1 logo and 'RIO DE JANEIRO' are prominently displayed. The article title is 'Uma mulher é vítima de feminicídio a cada 5 dias no RJ, revela Dossiê Mulher'. The subtext states: 'Levantamento feito pelo ISP e obtido com exclusividade pela GloboNews mostra que 350 mulheres foram assassinadas no estado ao longo de 2018; destes homicídios, 71 foram registrados com a qualificadora de que a vítima foi morta apenas pelo fato de ser mulher.' The author is 'Por Júlia Arraes, GloboNews' and the date is '29/04/2019 11h14 · Atualizado há 2 anos'. A Windows watermark is visible in the bottom right corner.

Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/29/uma-mulher-e-vitima-de-feminicidio-a-cada-5-dias-revela-dossie-mulher.ghml>

QUESTÕES:

1. O que você sabe sobre o feminicídio e como ele é caracterizado pela lei brasileira?

POSSÍVEL RESPOSTA: Eu sei que feminicídio é quando uma mulher é morta por causa do fato de ser mulher, geralmente relacionado à violência doméstica ou discriminação de gênero. A lei brasileira classifica o feminicídio como crime hediondo e prevê penas mais severas para quem comete esse tipo de crime.

2. Qual é a sua opinião sobre a violência contra a mulher no Brasil? Você acredita que há conscientização suficiente sobre o tema?

POSSÍVEL RESPOSTA: Acho que a violência contra a mulher no Brasil é muito grave e ainda acontece bastante. Tem campanhas e discussões sobre o tema, mas acho que ainda falta educação sobre o assunto nas escolas e mais apoio para as vítimas.

3. Você já ouviu falar de algum relatório ou dossiê relacionado à violência contra a mulher? O que você imagina que esse tipo de documento pode revelar?

POSSÍVEL RESPOSTA: Já ouvi falar do Dossiê Mulher. Acho que ele deve trazer dados importantes sobre quantas mulheres sofrem violência, onde isso acontece mais e talvez até informações sobre como o governo está lidando com isso.

4. O que significa a expressão "feminicídio" e como ela se diferencia de outros tipos de homicídio?

POSSÍVEL RESPOSTA: Feminicídio é o assassinato de uma mulher por razões ligadas ao fato dela ser mulher, como em casos de violência doméstica ou ódio de gênero. Ele se diferencia de outros homicídios porque tem essa motivação de discriminação ou controle sobre a vítima.

5. Quais podem ser os fatores que contribuem para o aumento da violência doméstica e do feminicídio no país?

POSSÍVEL RESPOSTA: Alguns fatores podem ser a falta de punição adequada, a dependência financeira, o machismo na sociedade e a falta de educação sobre igualdade de gênero desde cedo.

6. Você acredita que a violência contra a mulher é um problema generalizado ou restrito a determinadas classes sociais ou regiões?

POSSÍVEL RESPOSTA: Acredito que é um problema generalizado, porque pode acontecer em qualquer classe social ou lugar. Talvez em algumas regiões tenha mais casos por falta de acesso à justiça e proteção, mas o problema em si está presente em toda a sociedade.

7. O que você espera aprender com os dados e informações que o Dossiê Mulher possa apresentar sobre a violência de gênero?

POSSÍVEL RESPOSTA: Espero entender melhor a gravidade do problema, como ele afeta diferentes grupos de mulheres e o que pode ser feito para ajudar a combater essa violência.

8. Como a sociedade e o governo podem trabalhar juntos para reduzir os casos de feminicídio e garantir mais proteção para as mulheres?

POSSÍVEL RESPOSTA: Acho que a sociedade pode ajudar denunciando casos e educando sobre igualdade de gênero. O governo deve garantir leis mais rígidas, proteção às vítimas e campanhas educativas para prevenir a violência.

Nesta etapa, realizaremos a leitura de cenas da vida cotidiana, baseadas nos textos intitulados “Dona de mim”, de Arthur Marques, “Não é não!” – Campanha que combate o assédio durante o Carnaval, publicada em 09/02/2018 no jornal digital Tribuna do Norte, com impacto nacional, e na reportagem “Uma mulher é vítima de feminicídio a cada cinco dias, revela dossiê da mulher”, publicada no jornal digital G1.globo.com, em 29 de abril de 2019, que trata do tema “Feminicídio”. O objetivo é ativar as experiências e opiniões dos alunos durante a leitura coletiva na aula de português.

Os alunos serão convidados a analisar individualmente as cenas e, em seguida, realizar uma segunda leitura da música “Dona de Mim”, relacionando-a com as cenas da campanha publicitária e com o livro Úrsula. O intuito é promover um contato inicial com o material apresentado e incentivar a exposição das primeiras impressões dos estudantes.

O estudo será considerado satisfatório se conseguirmos perceber que o aluno, assim como qualquer ser humano, compreende de forma situada, de acordo com sua percepção e o espaço conceitual e epistêmico que ocupa. O aluno verá, lerá, ouvirá, imaginará e reconhecerá como reais as informações propostas, interpretando-as a partir de suas próprias visões de mundo.

Haverá uma interação entre os textos e os alunos, em que as informações textuais se conectarão com os conhecimentos prévios de cada leitor. Essa troca poderá modificar

pensamentos já estabelecidos, especialmente ao abordar como a sociedade frequentemente associa a figura feminina a um objeto sexual ou impõe comportamentos como o de “ser uma dama”.

Essa abordagem também se reflete de maneira profunda na trajetória pessoal de aprendizado, uma vez que, ao longo da vida, muitos indivíduos assimilam valores, crenças e percepções que podem limitar sua capacidade de considerar perspectivas alternativas. Esse fenômeno é evidente em diversas esferas, desde o ambiente familiar até a formação educacional, onde ideias e comportamentos são frequentemente naturalizados sem uma análise crítica.

Um exemplo significativo desse processo foi o impacto transformador causado pelo reconhecimento, através da orientação de uma professora de Geografia, sobre a necessidade de refletir criticamente sobre como os homens, em determinados contextos sociais e culturais, foram criados de maneira abusiva, perpetuando padrões prejudiciais tanto para si mesmos quanto para as relações interpessoais. Essa tomada de consciência não apenas ampliou a compreensão sobre desigualdades e dinâmicas de poder, mas também evidenciou o papel essencial da educação na desconstrução de paradigmas limitantes.

Esse processo de aprendizado contínuo enfatiza a importância da pesquisa e do questionamento crítico dos valores internalizados, pois abre espaço para a revisão de conceitos arraigados que moldam nossas percepções e ações. Ao questionarmos o que consideramos como certo, podemos desafiá-los e reconsiderá-los à luz de novas informações, experiências e perspectivas. Esse movimento não só promove uma compreensão mais profunda e empática da realidade, mas também nos convida a olhar para além de visões simplistas ou preconceituosas.

No nível pessoal, o processo de reflexão contínua permite o crescimento e a evolução, ajudando o indivíduo a se libertar de limitações impostas por crenças e estruturas antigas. No âmbito coletivo, a prática do questionamento e da revisão constante de valores pode catalisar transformações sociais, criando espaços para uma sociedade mais inclusiva, consciente e justa, onde a diversidade de pensamentos, identidades e experiências seja respeitada e valorizada.

Dessa maneira, o ato de refletir e questionar vai além de uma busca por conhecimento; ele se configura como um caminho essencial para o desenvolvimento pessoal e coletivo, sendo uma prática transformadora e libertadora, que proporciona uma visão mais complexa e multifacetada da realidade humana.

Textos 3 e 4:



Fonte: https://www.google.com/search?q=n%C3%A3o+%C3%A9+n%C3%A3o&rlz=1C1CHBD_pt-TBR849BR849&sxsrf=ACYBGNRhtJkNn7wyHo66Plf7AbooQZZiEQ:1575218390443&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiJlezk8ZTmAhVWIrkGHUWNAdQQ_AUoAXoECA0QAw&biw=1366&bih=625#imgsrc=Ah1nq-TAxcxFuM (Acesso em: 18/11/2019)

QUESTÕES:

1. Por que são tão importantes campanhas como essa do “não é não”?

POSSÍVEL RESPOSTA: Campanhas como "Não é Não" são essenciais porque promovem o respeito e a conscientização sobre o consentimento, especialmente em eventos como o Carnaval, onde o assédio e comportamentos inadequados tendem a aumentar. Elas reforçam que o direito de recusar qualquer forma de contato indesejado deve ser respeitado, independentemente do contexto ou da aparência da pessoa. Essas campanhas contribuem para a redução da violência de gênero e ajudam a mudar a cultura que, historicamente, normalizou comportamentos abusivos.

2. Uma mulher sob o efeito do álcool e roupas curtas pode dizer não num evento de carnaval? Por quê?

POSSÍVEL RESPOSTA: Sim, absolutamente. O consentimento deve ser respeitado em qualquer circunstância, independentemente do estado de sobriedade ou vestimenta da pessoa. Estar sob efeito de álcool ou usar roupas curtas não diminui o direito de uma mulher de dizer "não" e ter esse posicionamento respeitado. O direito ao corpo e à integridade física é inalienável e independe de qualquer condição externa.

3. Você já fez algum tipo de comentário negativo ou preconceituoso sobre a maneira como as mulheres se vestem? Que experiências te levaram a fazer esse tipo de comentário?

POSSÍVEL RESPOSTA: Comentários negativos ou preconceituosos sobre a forma como as mulheres se vestem são frequentemente enraizados em padrões culturais e sociais que associam a vestimenta à moralidade ou à disponibilidade sexual, o que é um equívoco. É importante refletir sobre como a educação, o ambiente familiar e social pode influenciar tais comportamentos e trabalhar para desconstruir essas ideias.

4. Como Você Espera Que as Mulheres Sejam Tratadas Depois de Uma Conscientização Sobre o Valor da Mulher na Sociedade?

POSSÍVEL RESPOSTA: Após uma conscientização mais ampla sobre o valor das mulheres na sociedade, espera-se que elas sejam tratadas com respeito, dignidade e igualdade. Isso inclui o reconhecimento de seus direitos, a valorização de suas escolhas e a eliminação de comportamentos abusivos ou discriminatórios. O ideal é que haja um ambiente seguro para todas, onde sua liberdade e autonomia sejam plenamente respeitadas.

Criarei uma campanha de conscientização sobre o feminismo, a ser divulgada em todas as mídias sociais, abordando os motivos do feminicídio e a importância da conscientização de homens e mulheres sobre como o machismo está interiorizado na sociedade. Destacarei como esse pensamento é frequentemente transmitido por meios de comunicação e instrumentos culturais, de forma direta e, muitas vezes, sutil, perpetuando uma posição patriarcal. Muitas vezes, as pessoas cantam e dançam sem perceber o que estão realmente reproduzindo.

Para evidenciar essa questão, apresentarei falas interiorizadas por nós, mulheres, que estão presentes na tradução do vídeo “Tobe a lady”, da revista “Girls. Girls. Girls.”, interpretado por Angélica Ksyvickis, apresentadora e atriz.

A campanha buscará refletir sobre como a cultura popular e as mensagens transmitidas no cotidiano contribuem para a manutenção de estereótipos prejudiciais e a necessidade de questionar e desconstruir tais padrões. Serão utilizados depoimentos reais, exemplos de letras de músicas, cenas de filmes e programas de TV que reforçam o machismo, além de comparativos com mensagens que promovam a igualdade de gênero.

O objetivo central é inspirar a reflexão e o debate, incentivando mudanças de comportamento e o reconhecimento da importância do feminismo como movimento essencial para uma sociedade mais justa e igualitária.

(...) Seja uma dama eles disseram. Sua saia é muito curta. Sua camisa muito decotada. Suas calças estão muito apertadas. Não mostre tanta pele. Não mostre suas coxas. Não mostre seus seios. Não mostre sua barriga. Não mostre seu decote. Não mostre sua roupa de baixo. Não mostre seus ombros. Se cubra. Deixe algo para a imaginação. Vista-se modestamente. Não seja uma sedutora. Os homens não conseguem se controlar. Homens têm necessidades. Você parece desajeitada. Se solta! Mostra um pouco de pele. Pareça sexy. Pareça gata. Não seja tão provocativa. Você está pedindo. Use preto. Use salto. Você está muito chique. Você está muito brega. Não use calças de moletom; parece que você é descuidada. (...) (RAINVILLE, 2020, p.1)

Em meus estudos dos textos anteriores, os aprendizes refletirão sobre como se posicionam diante da mulher e das suas relações sociais, dentro de uma perspectiva individual, pois é essencial conhecerem-se, entenderem seus valores, para depois compreenderem como sua comunidade pensa e construiu seus próprios valores. A partir de então, poderão alcançar uma metacognição e possível mudança, para melhor, reconhecendo o papel social da mulher e promovendo o empoderamento feminino.

O acionamento das questões propostas nas perguntas constitui uma estratégia eficaz para acessar diferentes visões de mundo e fomentar potenciais transformações na perspectiva acerca do tema abordado nos textos da fase 1. Conforme ressaltam Gerhardt, Albuquerque e Silva (2009, p. 89), cabe à escola o papel de oferecer “o novo”, promovendo o encontro entre os conhecimentos e interesses prévios do aluno e as informações essenciais que a instituição de ensino deve proporcionar.

Texto 5: Leitura do livro *Úrsula*, de Maria Firminados Reis

Para finalizar, iniciaremos o estudo do livro “*Úrsula*”, de Maria Firmina dos Reis, e já nos permitiremos ler sobre as primeiras relações sociais que aparecem na obra. O homem caucasiano português, Fernando, representa o capitalista estrangeiro com o intuito de enriquecer de maneira exacerbada, refletindo o empresário liberal radical contemporâneo. Já *Úrsula*,

mulher órfã e desamparada, simboliza a mulher assalariada atual, que defende seu lar sozinha, com determinação e resiliência, enfrentando adversidades e a perseguição de homens que insistem em oprimir mulheres pelo simples fato de serem mulheres.

Durante o trabalho, os alunos compartilharão seus conhecimentos prévios sobre as relações de gênero e a posição da mulher na sociedade, promovendo a socialização e troca de ideias a partir da interação com os demais textos. Isso permitirá o desenvolvimento do respeito por opiniões divergentes, além de exercitar a comunicação de ideias sobre temas tão relevantes e presentes em sua realidade.

Os alunos responderão a questões relacionadas à análise de cada cena trabalhada, como o perfil da mulher, sua forma de pensar, como é tratada, quem é a mulher pobre, a mulher escravizada, quais são os direitos que possuem, suas obrigações, o que era permitido por lei na época e o que não era. Também refletirão sobre a posição do homem e da mulher na sociedade e como os comportamentos do passado ainda se refletem nos dias de hoje, investigando as semelhanças e diferenças em relação à sua própria comunidade.

Serão abordados personagens sociais como empresários capitalistas, trabalhadores escravizados, a ascensão da burguesia, a disciplina e a rebeldia, a mulher recatada e do lar com traços europeus, a mulher sensual e promíscua, e o negro. Esses tipos sociais, apesar de não serem complexos, persistem com características semelhantes na sociedade atual, evidenciando a importância de discutir e desconstruir estereótipos, visando a igualdade e o empoderamento feminino.

No livro, a personagem principal simboliza a sociedade e suas relações sociais. Da mesma forma, meu tema central retrata a comunidade como um todo, e não apenas um elemento isolado dela, pois as ações ocorrem de forma tão dinâmica que a própria comunidade ganha vida, assim como na obra abordada. Meu objetivo é compreender o pensamento coletivo, identificar o que a sociedade valoriza na figura feminina, se há consciência sobre a posição da mulher na sociedade e se existe entendimento sobre como promover mudanças nesse pensamento. Essa compreensão ajudará a entender a perspectiva do aluno e definir estratégias para orientá-lo por meio da leitura e da escrita.

Talvez o caminho seja o autoconhecimento como ferramenta de libertação dessa relação de poder opressor x oprimido, perpetuada desde o início da colonização no Brasil. Os educandos irão observar e analisar a obra, que apresenta diversas situações cotidianas vividas por eles, nas

quais a desvalorização da mulher é evidente no contexto da fazenda onde se desenrola a narrativa. Serão instigados a refletir sobre os motivos dessa desvalorização, se ela está ligada exclusivamente ao gênero, se o ambiente onde vivem se assemelha ao descrito na história de Úrsula, quais são as semelhanças e diferenças percebidas e o que provoca essas reflexões. Além disso, questionarão de que forma é possível transformar a ideia de comunidade e como podem atuar nessa mudança.

Como proposta pedagógica, os alunos serão convidados a refletir sobre essas cenas, muitas vezes vivenciadas de forma automática, sem uma análise crítica. Após essa reflexão, deverão identificar pontos da obra que merecem ser reescritos e apresentar uma versão reeditada em vídeo. Essa atividade permitirá que percebam o quanto estamos expostos a discursos e ideias prontas, frequentemente aceitas sem questionamento, e como isso pode perpetuar comportamentos e pensamentos prejudiciais tanto para as mulheres quanto para homens que não compactuam com esse modelo estruturado e enraizado.

A proposta de reescrita funcionará como uma crítica a posicionamentos da época e uma comparação com a realidade atual. Durante o processo, os alunos poderão concordar, discordar ou até mesmo complementar o texto original, o que os levará a uma reflexão metacognitiva sobre seu próprio pensamento e os valores sociais vigentes.

Cabe destacar que o texto de Maria Firmina dos Reis é uma obra rica em detalhes sobre o período retratado, especialmente sob o olhar de uma mulher negra. Não há, portanto, a intenção de desmerecer sua importância histórica e literária, mas sim utilizá-lo como base para uma análise comparativa do papel social da mulher em dois momentos distintos: o século XIX e o século XXI.

Para tanto, iniciaremos o estudo do livro “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis, abordando as primeiras relações sociais presentes na obra. O personagem Fernando, um homem caucasiano português, capitalista estrangeiro, busca o enriquecimento exacerbado, representando o empresário liberal radical atual. Por outro lado, a personagem Úrsula, órfã de pai, acredita ter encontrado a felicidade ao conhecer Tancredo, simbolizando a mulher assalariada contemporânea que defende seu lar sozinha, enfrentando dificuldades e perseguições pelo simples fato de ser mulher.

Passada a etapa da Pré-leitura, especificamente a da ativação dos conhecimentos prévios, a etapa de leitura do livro "Úrsula e outras obras", de Maria Firmina dos Reis (2018), será realizada de forma individual durante os 50 minutos da aula de Língua Portuguesa.

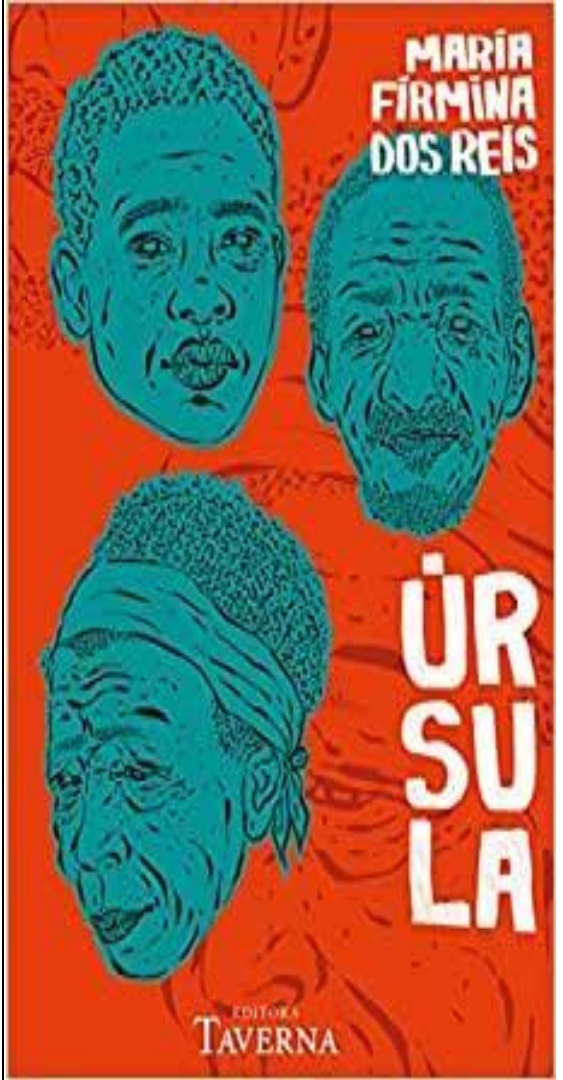
O livro "Úrsula e outras obras" (2018) será utilizado como objeto de prática de compreensão leitora, com perguntas de nível inferencial conforme o alinhamento teórico relativo ao nível 3 proposto por Applegate, M. D.; Quinn, K. B.; Applegate, A. J. (2002). Esse nível caracteriza-se por um alto nível inferencial, no qual o leitor faz inferências vinculando conhecimentos prévios com as ideias do texto e oferecendo uma conclusão lógica como resposta.

No nível 3, o aluno será capaz de:

- (a) conceber uma solução alternativa para um problema específico descrito no texto;
- (b) descrever uma motivação plausível que explica as ações dos personagens;
- (c) fornecer uma explicação plausível para uma situação, problema ou ação;
- (d) prever um passado ou ação futura com base em características ou qualidades desenvolvidas no texto;
- (e) descrever um personagem ou uma ação baseada em acontecimentos de uma história.

Com base nesse nível de compreensão inferencial, destacam-se os seguintes objetivos para a formulação das perguntas, de modo a possibilitar a construção de significados em linguagem através das inferências.

Antes de apresentar a proposta didática, segue um breve resumo do livro "Úrsula", de Maria Firmina dos Reis:

	"Úrsula" é, quiçá, um dos primeiros romances abolicionistas da Literatura Brasileira, escrito por uma mulher negra, Maria Firmina dos Reis, sendo pioneiro nesse aspecto. A autora insere, em um enredo típico do romantismo da época, uma crítica contundente à posição social da mulher e do negro, abordando tais questões sob uma perspectiva tanto feminina quanto negra, de forma belíssima e inovadora. Compreendendo as limitações impostas por sua condição social no século XIX, como mulher e afrodescendente — filha de uma mulher negra e um homem branco —, Maria Firmina dos Reis retrata, com sensibilidade e profundidade, as opressões enfrentadas por esses grupos. Embora a heroína do romance seja branca, a narrativa destaca o percurso de três personagens negros, entre eles uma mulher cuja participação se diferencia e ganha força progressivamente ao longo da trama, evidenciando a complexidade e a importância dessas vozes no contexto da obra.
--	--

A utilização de questões inferenciais permite que o leitor explore significados implícitos, relacione diferentes partes da narrativa e compreenda as motivações e emoções das personagens de forma mais complexa. No caso de *Úrsula*, por exemplo, a análise de como a autora Maria Firmina dos Reis descreve as experiências de sofrimento e resistência das personagens contribui para uma reflexão crítica sobre temas como racismo, desigualdade e empatia.

Além disso, essa prática estimula o leitor a estabelecer conexões entre o contexto histórico e social em que a obra foi escrita e os desafios enfrentados pelas personagens. Perguntas como: "O que a reação de *Úrsula* diante das adversidades revela sobre sua

personalidade?" ou "Como o ambiente histórico influencia as decisões das personagens?" incentivam uma análise mais aprofundada.

Ao propor essa metodologia, busca-se não apenas ampliar a compreensão textual, mas também promover o pensamento crítico e a sensibilidade social, pilares fundamentais para uma leitura engajada e significativa da obra *Úrsula*.

OBJETIVO 1	TEXTO/PERGUNTAS
● OBEJTIVO 2	TEXTO /PERGUNTAS
● Analisar criticamente as falas e comportamentos dos personagens; ● Propor perspectivas alternativas para o desenvolvimento dos personagens; ● Imaginar e descrever como o diálogo poderia ser diferente caso Luísa tivesse uma percepção de igualdade social e de gênero mais desenvolvida; ● Relacionar o contexto histórico com as escolhas narrativas: Explicar como os valores patriarcais do século XIX influenciaram as falas e ações dos personagens, considerando o papel social da mulher como submissa e dependente.	"— Perdoai, senhor, se não tenho bastante confiança em vós. Bem vedes a que estado me vejo reduzida... e eu nunca aspirei à mão de um homem como vós para minha filha. Tancredo de *, quem vos não conhece? Sois grande, sois rico, sois respeitado; e nós, senhor? Nós que somos?! Ah! Vós não podeis desejar para vossa esposa a minha pobre Úrsula. Seu pai, senhor, era um pobre lavrador sem nome, e sem fortuna. O mancebo sorriu-se, e redarguiu-lhe: — Então recusai-me a mão de vossa filha? — Oh! Senhor, – tornou Luísa – minha filha é uma pobre órfã, que só tem a seu favor a inocência, e a pureza de sua alma." Nos trechos acima comprova-se que até mesmo a mulher era criada para servir ao homem. Qual seria o motivo para esse tipo de criação naquela época? O motivo para esse tipo de criação naquela época está diretamente relacionado à estrutura patriarcal e hierárquica

	das sociedades antigas, especialmente nas sociedades ocidentais dos séculos passados. Essas culturas eram fortemente influenciadas por valores tradicionais, religiosos e econômicos que subordinavam as mulheres ao papel de cuidadoras e submissas aos homens.
OBJETIVO 3	TEXTO /PERGUNTAS
• Analisar elementos implícitos, como diálogos, descrições e comportamentos que sugiram, intenções e sentimentos dos personagens; • Relacionar os eventos e ações com o contexto histórico, cultural ou emocional da história, para compreender as razões por trás das escolhas dos personagens; • Identificar como as ações dos personagens influenciam o desenrolar da trama e as consequências dessas escolhas; • Explorar as emoções, crenças, desejos e conflitos internos dos personagens, mesmo quando não declarados explicitamente; • Fazer conexões lógicas entre os fatos apresentados e deduzir informações não explicitamente ditas, mas que fazem sentido no enredo • Garantir que as motivações inferidas estejam alinhadas com as	"Deixai, pois; que a minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós. Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós." (Prólogo, páginas 12 e 13) 1) Qual seria a intenção de Maria Firmina escrever este prólogo direcionado às novas gerações de escritoras? Maria Firmina dos Reis, no prólogo de <i>Úrsula</i> (1859), busca motivar e inspirar as mulheres a ingressarem no mundo literário, então dominado por homens. Ela defende o direito feminino à educação e à expressão artística, afirmando que o talento das mulheres é tão legítimo quanto o dos homens. Com um tom pioneiro e emancipador, destaca o

informações apresentadas no texto, evitando contradições.	potencial intelectual feminino e incentiva as futuras gerações a desafiar o silenciamento imposto pela sociedade patriarcal. 2) Você acredita que todas as mulheres da época tenham compartilhado esse mesmo ponto de vista? Como você percebeu isso? Provavelmente não. No século XIX, a sociedade brasileira era patriarcal e limitava o papel feminino ao ambiente doméstico e à submissão aos valores tradicionais. Muitas mulheres, sem acesso à educação e à informação, não compartilhavam do ideal emancipador de Maria Firmina. Essa resistência se reflete no tom didático e persuasivo da autora, que argumenta contra a mentalidade dominante de submissão feminina. Seu posicionamento progressista e a necessidade de justificar a autoria feminina indicam que suas ideias não eram amplamente aceitas.
OBJETIVO 4	TEXTO/PERGUNTAS
● Investigar a motivação de Fernando P. para querer se casar com Úrsula, sua sobrinha e órfã, considerando fatores como contexto cultural, social e psicológico da época em questão; ● Entender os possíveis motivos que o levariam a tomar uma decisão dessa	"— Não é possível! Embora ela o ame, não poderá resistir à minha vontade. E demais onde está agora esse insensato? Na comarca de***, quando voltar tudo estará feito: Úrsula será já minha esposa, e ele, resignado, ou esquecido, ou mesmo desesperado; mas respeitando minha posição social e meu nome, morrerá de inveja, embora amaldiçoando a

natureza, indo além das convenções e valores da época; ● Refletir sobre a possibilidade de uma motivação semelhante hoje, levando em consideração as mudanças nas normas sociais, culturais e legais.	minha felicidade. Mas, se pelo contrário!... Não é possível! Se pelo contrário, ai dele!" Página 97 1. Qual era a possível motivação de Fernando P. para que desejasse tanto se casar com Úrsula, visto que a menina era sua sobrinha e órfã? Fernando P. possivelmente desejava se casar com Úrsula por interesse patrimonial e controle, já que ela era uma jovem órfã, vulnerável e dependente. Sua motivação parecia incluir o desejo de manter o controle sobre os bens e a herança familiar de Úrsula, aproveitando-se de sua fragilidade social para exercer dominação e abuso de poder. 2. E nos dias de hoje, esse tipo de motivação seria possível? Como você chegou a essa conclusão? Abuso de poder, exploração de vulnerabilidades e casamentos forçados ainda ocorrem em algumas regiões, especialmente em contextos de desigualdade. Embora leis modernas tenham reduzido essas práticas, casamentos motivados por interesses financeiros ou controle patrimonial ainda existem, como evidenciado por relatos de organizações de direitos humanos e notícias.
--	---

A partir dessa análise, os alunos serão incentivados a compartilhar seus conhecimentos prévios sobre relações de gênero e a posição da mulher na sociedade, promovendo a socialização e a troca de ideias. Essa abordagem desenvolverá o respeito às opiniões divergentes e estimulará a comunicação sobre temas essenciais ao contexto comunitário.

As questões de análise de cada cena trabalharão aspectos como o perfil da mulher, sua forma de pensar, como é tratada, quem são a mulher pobre e a mulher escravizada, quais direitos e obrigações possuíam, o que a lei permitia ou não, e como o comportamento daquela época ainda reflete na atualidade. Será explorada a posição do homem e da mulher na sociedade, destacando semelhanças e diferenças entre o contexto do livro e o da comunidade atual.

Personagens sociais como empresários capitalistas, trabalhadores escravizados, a ascensão da burguesia, disciplina e rebeldia, e arquétipos femininos como a mulher recatada e do lar versus a mulher sensual e promíscua, bem como o negro, serão analisados. Embora essas figuras não sejam complexas, suas características ainda perduram em comunidades contemporâneas.

No livro, a verdadeira protagonista é a sociedade e suas relações sociais, refletindo o tema central deste estudo: a compreensão da comunidade como um todo, e não apenas de seus elementos isolados. O objetivo é entender o pensamento coletivo, identificar como a mulher é valorizada, se sua posição é compreendida e como os alunos podem promover mudanças por meio da leitura e da escrita. O autoconhecimento surge como caminho para a libertação das relações de poder (opressor e oprimido) enraizadas desde a colonização brasileira.

Os alunos serão orientados a observar e analisar como a obra evidencia a desvalorização feminina, especialmente em contextos rurais, questionando se essa desvalorização está ligada ao gênero, ao ambiente ou a ambos. Serão estimulados a identificar semelhanças e diferenças entre a comunidade atual e a de “Úrsula” e a refletir sobre formas de transformação social.

Como proposta prática, os alunos deverão reescrever cenas da obra após uma reflexão crítica, destacando pontos que perpetuam ou desafiam a desvalorização da mulher. A reescrita será apresentada em vídeo, promovendo uma metacognição sobre como estamos expostos a ideias preconcebidas e padrões que prejudicam tanto mulheres quanto homens.

A escolha dos textos e abordagens busca evidenciar como os homens falam sobre as mulheres e as percebem em diferentes papéis, como esposas e companheiras. Essa proposta pretende provocar a reflexão tanto em meninas quanto em meninos, para que compreendam as origens desses pensamentos e os questionem.

Utilizando músicas e vídeos como gatilhos, os alunos serão motivados a compartilhar seus conhecimentos prévios, promovendo socialização e desenvolvimento do respeito a

opiniões divergentes. O objetivo é incentivar o debate sobre feminicídio, empoderamento feminino e as diversas formas de violência de gênero.

Questões como a percepção feminina de si mesmas, a violência velada e explícita, a jornada dupla de trabalho e a masculinidade tóxica também serão abordadas. É fundamental compreender como os meninos, muitas vezes criados por figuras femininas em comunidades sem a presença paterna, sofrem pressões sociais que podem perpetuar comportamentos agressivos. Essa compreensão permitirá uma intervenção educativa mais consciente e transformadora.

Este será um momento de valorização da mulher, da sensibilidade que existe em cada um deles e que os permitiu mostrar o que é ser um homem educado, sensível, elegante e companheiro. É uma tomada de consciência de tudo que eles aprenderam, se tudo aquilo serve, se pode ser mudado ou jogado fora como reflete Moita Lopes em:

Em meu ponto de vista, mais importante do que se preocupar com os limites disciplinares ou de uma área de investigação é tentar operar dentro de uma visão da construção do conhecimento que tenta compreender o tópico de pesquisa (construindo o objeto de investigação, portanto) em diálogo com vários campos do conhecimento com o objetivo de integrar perspectivas diferentes que possam melhor cooperar na compreensão da questão estudada. (MOITA LOPES, 2000, p. 165)

Em síntese, o mais relevante na construção do conhecimento é a busca pela compreensão do tema de pesquisa em diálogo com diferentes áreas do saber, promovendo a integração de múltiplas perspectivas para uma análise mais abrangente da questão investigada, em vez de restringir-se a fronteiras disciplinares. A mobilização das questões levantadas nas perguntas permite o acesso a outras visões de mundo e favorece possíveis mudanças na forma de abordar o tema tratado nos textos da fase 1. Conforme ressaltam Gerhardt, Albuquerque e Silva (2009, p. 89), a escola desempenha um papel essencial ao oferecer “o novo”, criando condições para o encontro entre os saberes prévios do aluno e as informações essenciais que a instituição deve transmitir.

4.3 Fase 3. Pós-leitura: Monitoramento das Inferências Criadas na Fase 2

Nesta fase, ocorre a sistematização das ideias centrais abordadas durante a leitura e atividades realizadas. O foco está em promover a reflexão crítica e a compreensão profunda do tema explorado. Os participantes são incentivados a compartilhar suas interpretações, levantar questionamentos e fazer conexões entre os conteúdos abordados e suas experiências prévias.

A troca de ideias se dá em um contexto de interação social, valorizando a diversidade de perspectivas e a colaboração entre os participantes. Esse processo contribui para a ampliação do repertório de conhecimento e para o desenvolvimento de habilidades de argumentação e escuta ativa.

Objetivos de leitura:

A. Monitorar as perguntas da fase 2, reformulando o significado construído através da inferência:

Avaliar e revisar as respostas para garantir que os significados atribuídos às questões inferenciais estejam claros e ajustados conforme a interpretação e as evidências apresentadas no texto.

B. Verificar se os objetivos de leitura da fase 2 foram realizados através do automonitoramento:

Revisar e refletir sobre a execução das atividades propostas na fase 2, assegurando que os objetivos de leitura tenham sido alcançados de forma eficaz e com a devida análise crítica das inferências realizadas.

C. Reescrever as respostas como uma maneira de potencializar as respostas desenvolvidas durante a fase 2:

Reformular as respostas de forma a fortalecer a compreensão das inferências feitas, buscando um maior aprofundamento e clareza no processo de interpretação, utilizando os elementos de metacognição para aprimorar a resposta.

A fase 2 é a etapa onde se destaca a metacognição, o que implica não apenas realizar inferências, mas também refletir sobre essas inferências. Nesse contexto, o objetivo não é "acertar" respostas, mas envolver-se ativamente na compreensão e reconstrução do texto por

meio de uma análise crítica. A proposta de monitoramento e reescrita das respostas é um processo reflexivo, que leva o participante a se conscientizar de suas próprias estratégias de leitura e compreensão. E neste sentido, serão questões configuradas como acentuam Botelho e Vargas (2021, p.12) nos:

Pressupostos metacognitivos, (...) de recuperação, que possibilitam retomar noções e conceitos do texto essenciais para a construção de uma leitura global – e crítica. São também a possibilidade de pensar de forma mais organizada as inferências construídas ao longo de todo o texto, identificando a origem dos frames acionados (do texto e do conhecimento prévio), e de, se necessário, retomar a leitura das informações explícitas. Além disso, também permitem a checagem do alcance dos objetivos de leitura.

PERGUNTAS-INFERENCIAIS	PERGUNTA-META
1. Diante da leitura do texto, como a mulher do século XIX sentia-se em relação ao homem? A mulher do século XIX, conforme retratada na obra, era vista como submissa, dependente e restrita ao espaço doméstico, obedecendo figuras masculinas como pai ou marido. Úrsula exemplifica essa condição ao ser descrita como sensível e passiva, refletindo a inferioridade e limitação impostas às mulheres diante do poder masculino. 2. E para o homem, o que ela representava? O texto destaca que a mulher era vista como um símbolo de pureza, delicadeza e obediência, idealizada pela virtude e beleza, mas também tratada como	1. Dê a sua opinião sobre como a sociedade da época do texto lido percebia a função da mulher na sociedade e compare esse pensamento à visão da sociedade atual sobre o tipo de função e comportamento que a mulher deve ter hoje. Clareza temporal: No início, ao mencionar o romance e sua época, você pode deixar mais explícito o contraste com a sociedade atual. Conexão de ideias: Unir melhor os avanços e os desafios contemporâneos, reforçando a ideia de continuidade na luta por igualdade. Conclusão mais enfática: Encerrar com um chamado mais direto à

propriedade. O vilão Torquato exemplifica essa visão ao tentar subjugar Úrsula de forma autoritária, enquanto o herói Tancredo, embora a proteja, mantém uma perspectiva de tutela e controle.	importância da continuidade do combate às desigualdades. 2. Se você conhecesse Maria Firmina dos Reis e vivesse naquela época entenderia melhor o texto? O texto destaca a importância de conhecer o contexto histórico e social de Maria Firmina dos Reis para uma compreensão mais profunda de sua obra. Como escritora, poeta e professora do século XIX, pioneira na literatura abolicionista e feminista no Brasil, ela desafiou as normas de uma sociedade escravocrata e patriarcal ao abordar temas como a opressão e a injustiça. Compreender a escravidão, o papel da mulher e as limitações impostas à população negra na época permite interpretar sua produção literária com mais profundidade, ressaltando sua coragem e relevância. 3. Após a leitura do texto, o que você conseguiu inferir sobre a função da mulher na sociedade e o feminicídio? A obra Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, aborda a opressão das mulheres no século XIX, especialmente no contexto da sociedade patriarcal e colonial. A protagonista, Úrsula, é uma mulher negra e indígena que desafia as normas sociais, enfrentando adversidades impostas pelo racismo e pelo machismo. O romance critica a forma
---	--

	como as mulheres eram tratadas como propriedade e privadas de autonomia, refletindo uma sociedade que silenciava suas vontades e desejos. A obra também toca implicitamente no feminicídio, abordando a violência física e psicológica contra as mulheres, que, muitas vezes, viam-se sem alternativas para escapar desse ciclo de abuso. Úrsula é uma crítica ao sistema patriarcal, ao mesmo tempo em que ressalta a resistência e força das mulheres diante dessa opressão.
--	---

4.4 Fase 4. Pós leitura: Tomada de Consciência do Próprio Processo de Ler: Uma Autopercepção

A fase de tomada de consciência se aprofunda na compreensão coletiva do tema trabalhado. Inspirando-se na perspectiva de Sinha, a reflexão ocorre de forma sociointerativa, onde os participantes analisam criticamente as informações e experiências compartilhadas, buscando construir significados mais complexos e integrados.

Nesse contexto, os indivíduos são incentivados a posicionar-se criticamente em relação ao tema, identificando possíveis implicações e desdobramentos em diferentes contextos sociais e culturais. A tomada de consciência visa promover não apenas o entendimento conceitual, mas também a sensibilização para a ação e a transformação social a partir do conhecimento adquirido, como tomamos a perspectiva de Sinha em:

As pessoas criam significados, e as práticas em que as atividades cognitivas e comunicativas se inserem estão repletas deles. Portanto, devemos procurar as bases da cognição em nossa participação nos atos de significação, bem como em sua corporificação neurobiológica. Embora talvez aqui eu me afaste tanto do socioconstrucionismo radical quanto do reducionismo científico, alego que uma verdadeiramente adequada ciência do aprendizado e da cognição só pode emergir

quando observarmos a pessoa sob esses dois prismas. Tal abordagem exige o reconhecimento da complementaridade, e não da oposição, entre a perspectiva objetivista do naturalismo/naturalização e a perspectiva reflexiva das ciências do significado. Denomino essa dupla perspectiva, ou complementaridade entre as perspectivas, como a abordagem ‘socionaturalista’ do desenvolvimento humano (SINHA, 1999, p. 5).

Os alunos precisam desenvolver suas habilidades de criação, e é exatamente para isso que serve o ensino da leitura. Diversos fatores influenciam esse processo, e compreender essas variáveis é essencial para encontrarmos as melhores formas de auxiliar os estudantes a desenvolverem uma leitura de qualidade, capaz de abarcar textos de diferentes tipos e gêneros. Diversas teorias relacionadas aos estudos da linguagem se dedicam a investigar, cada uma com seu próprio foco e abordagem, as possíveis causas das dificuldades de leitura. Eu me insiro nesse contexto, buscando entender o processo de aquisição da linguagem e as razões pelas quais alguns alunos enfrentam desafios nesse aprendizado.

Monereo (1994) propõe três princípios gerais para um ensino de inspiração metacognitiva:

Autoconhecimento como aprendiz: Incentivar os alunos a se conhecerem melhor, identificando suas dificuldades, habilidades e preferências de aprendizagem. Isso visa ajustar expectativas de sucesso e adaptar tarefas escolares às suas necessidades, promovendo uma autoimagem cognitiva mais clara.

Reflexão sobre o processo de aprendizagem: Orientar os alunos a refletirem sobre suas estratégias de aprendizagem, analisando como planejam, monitoram e avaliam suas performances, com o objetivo de melhorar a regulação dos processos cognitivos.

Diálogo consciente durante a aprendizagem: Estimular os alunos a estabelecerem um diálogo interno ao aprender, ajudando-os a definir objetivos, reconhecer intenções e ativar conhecimentos prévios, promovendo uma aprendizagem mais significativa.

Esses princípios destacam a importância da aplicação de estratégias cognitivas e metacognitivas no processo de aprendizagem.

Desta forma, nas atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura de um diário de bordo para a produção de um vídeo para o Instagram, procuro estimular o desenvolvimento integral dos alunos, abrangendo suas dimensões intelectual, emocional e social. Utilizo propostas que

incentivam a reflexão sobre temas atuais e relevantes na sociedade, promovendo o pensamento crítico e a consciência cidadã. Assim, os alunos são convidados a reconhecer seu papel como sujeitos sociais ativos e a se reinventarem como indivíduos autônomos e protagonistas de suas próprias histórias.

Proposta de Intervenção de Interpretativa – Resenha Crítica Para o Instagram

Uma resenha crítica de livros é um texto que vai além do simples resumo da obra. Ela busca oferecer uma análise aprofundada e fundamentada sobre o conteúdo e as qualidades literárias do livro. O objetivo é permitir que o leitor compreenda as características principais do livro e decida se ele é uma boa opção de leitura, com base em uma avaliação objetiva e subjetiva do resenhista.

Estrutura de uma resenha crítica:

Resumo Breve: A introdução da resenha deve apresentar uma visão geral da obra, explicando, de forma concisa, o enredo, sem revelar detalhes cruciais ou spoilers. Este resumo serve para situar o leitor, destacando os aspectos mais importantes da trama ou dos temas abordados. O resenhista deve deixar claro o núcleo central da história ou a principal mensagem que o autor busca transmitir.

Análise Crítica: A análise crítica é a parte mais importante da resenha, pois ela examina com mais detalhes os aspectos da obra. Aqui, o resenhista deve discutir:

Personagens: São bem desenvolvidos? Eles possuem profundidade psicológica? Como suas ações influenciam a narrativa?

Narrativa: A história é bem construída? Existem falhas no ritmo, na progressão dos eventos ou na coesão geral? O enredo é cativante e interessante?

Estilo de escrita: O autor utiliza uma linguagem envolvente? Seu estilo contribui para o tom da obra? Há originalidade ou a escrita soa clichê ou repetitiva?

Impacto emocional: O livro consegue engajar emocionalmente o leitor? Há momentos de tensão, comoventes ou provocadores? O impacto da obra é duradouro?

Opinião Pessoal: Esta seção revela as percepções subjetivas do resenhista. Ao expressar sua opinião, o autor da resenha deve justificar suas escolhas e impressões com base em exemplos concretos retirados do livro. A opinião pessoal é importante porque acrescenta uma visão única e uma análise mais próxima da experiência de leitura do resenhista. O leitor da resenha consegue entender não apenas o que funciona ou não na obra, mas também o que ela provoca emocionalmente no crítico.

Contextualização: Um bom resenhista pode relacionar o conteúdo da obra com temas mais amplos, sejam eles sociais, culturais, históricos ou filosóficos. Isso ajuda o leitor a perceber como o livro dialoga com o mundo fora da ficção, ampliando o seu significado. A contextualização pode também envolver a análise do autor em relação à sua obra anterior, se houver, e como esta se insere em um movimento literário ou em uma corrente de pensamento.

Recomendação Final: Ao final, a resenha deve apresentar uma recomendação clara ao público-alvo. A recomendação pode ser feita para um público específico (exemplo: fãs de ficção histórica, leitores de thrillers psicológicos) ou ser uma recomendação mais ampla, dependendo da obra. Além disso, é importante que a recomendação também reflita a análise crítica, ajudando o leitor a tomar uma decisão consciente sobre a leitura.

Em suma, uma resenha crítica vai muito além de um simples resumo da obra. Ela envolve um processo analítico cuidadoso, onde o resenhista explora as diversas camadas da obra literária e oferece uma avaliação que permita ao leitor entender o valor da obra e o que esperar dela, ajudando-o a decidir se vale a pena investir tempo na leitura.

A resenha crítica de livros nas redes sociais tem se consolidado como uma ferramenta poderosa para engajar os adolescentes com a leitura, oferecendo uma série de benefícios que contribuem para a formação de novos leitores. Aqui estão alguns pontos que ampliam a importância dessa prática:

Acessibilidade e alcance: As plataformas digitais, como Instagram, TikTok, YouTube e Twitter, são espaços frequentados pelos adolescentes, o que permite que as resenhas de livros alcancem um público amplo com facilidade. A capacidade de compartilhar essas resenhas de forma rápida e prática gera uma porta de entrada para o universo literário, tornando-o mais acessível e convidativo, especialmente para quem talvez não considere a leitura uma atividade interessante ou prazerosa.

Interatividade e engajamento: Ao contrário dos métodos tradicionais de resenha, que podem ser unidimensionais, as redes sociais permitem uma interação rica entre os leitores. Os adolescentes não apenas leem resenhas, mas também comentam, discutem e compartilham suas próprias experiências e impressões. Isso cria um ambiente de comunidade e troca que fomenta o interesse pela leitura. Além disso, o debate sobre personagens, temas e mensagens dos livros pode despertar a curiosidade de outros jovens, criando um ciclo contínuo de incentivo à leitura.

Conexão com a faixa etária: Muitos influenciadores literários nas redes sociais se dedicam a criar conteúdo direcionado especificamente ao público adolescente. Eles recomendam livros que abordam questões e temas relevantes para essa fase da vida, como amizade, identidade, superação de desafios e questões sociais. Isso cria um vínculo imediato entre os livros e as realidades enfrentadas pelos adolescentes, tornando a literatura uma ferramenta mais próxima e relevante.

Desenvolvimento crítico e reflexivo: As resenhas nas redes sociais não se limitam à simples recomendação de livros, mas também oferecem uma análise detalhada, abordando aspectos como o desenvolvimento dos personagens, o estilo de escrita, o enredo, e os temas tratados nas obras. Esse processo de análise crítica ajuda os adolescentes a desenvolverem habilidades de interpretação e reflexão, incentivando-os a formar opiniões próprias e a se expressar de maneira mais articulada.

Diversidade e personalização: A variedade de resenhas e opiniões disponíveis nas redes sociais é uma vantagem significativa, pois permite que os adolescentes encontrem recomendações que atendem aos seus interesses específicos, sejam eles voltados para ficção científica, fantasia, romance ou literatura clássica. Isso proporciona uma maior diversidade de opções e contribui para que a leitura se torne uma atividade mais personalizada e alinhada com os gostos de cada indivíduo.

Estímulo à criatividade e novas formas de conteúdo: Além das resenhas textuais, muitos influenciadores criam conteúdos inovadores que unem literatura com arte, como vídeos curtos, resenhas performáticas, ilustrações e até desafios de leitura. Esses formatos mais dinâmicos e visuais tornam a literatura mais envolvente e acessível a um público que, muitas vezes, se sente mais atraído por mídias audiovisuais. Isso também abre espaço para que os adolescentes se expressem de forma criativa, seja criando suas próprias resenhas ou explorando diferentes formas de conteúdo literário.

Em suma, a resenha crítica de livros nas redes sociais não só aproxima os adolescentes da leitura, mas também cria um ambiente estimulante que favorece o desenvolvimento de suas habilidades de pensamento crítico, criatividade e análise. Ao tornar o ato de ler algo social, interativo e visualmente estimulante, as redes sociais contribuem para uma nova geração de leitores mais engajados e conscientes.

Para a produção de uma resenha crítica sobre o livro *Úrsula* e seu foco no empoderamento feminino para um vídeo no Instagram, você pode seguir a seguinte estrutura:

1. INTRODUÇÃO

Duração: 10-15 segundos

Objetivo: Apresentar rapidamente o livro e o tema central da resenha.

Texto sugerido:

"Olá, pessoal! Hoje vou falar sobre *Úrsula*, um livro que, além de ser uma história envolvente, traz um olhar poderoso sobre o empoderamento feminino. Vamos explorar como a protagonista vive sua jornada de transformação e autossuficiência."

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PERSONAGEM ÚRSULA

Duração: 20-30 segundos

Objetivo: Explicar brevemente quem é *Úrsula* e como a trama se desenvolve.

Texto sugerido:

"*Úrsula* começa sua jornada como uma mulher simples, lutando para encontrar seu lugar em um mundo que tenta limitá-la. Mas, ao longo do livro, ela passa por um processo de transformação interior que a leva a descobrir sua verdadeira força e a desafiar normas sociais que a oprimem."

3. ANÁLISE DO EMPODERAMENTO FEMININO

Duração: 30-40 segundos

Objetivo: Destacar como o empoderamento feminino é abordado na obra.

Texto sugerido:

"O empoderamento de Úrsula não vem de fora, mas de sua capacidade de se reinventar. Ela vai deixando de ser passiva e começa a se afirmar, conquistando sua independência emocional, financeira e até mesmo sua liberdade de escolha. A obra é uma verdadeira ode à força feminina e à importância de se afirmar no mundo."

4. ASPECTOS SIMBÓLICOS (LUZ E SOMBRAS, ROUPAS, EMOÇÕES)

Duração: 30 segundos

Objetivo: Falar sobre os elementos simbólicos usados no livro, como luz, sombras e transformação da vestimenta, que reforçam o empoderamento.

Texto sugerido:

"O livro também utiliza símbolos poderosos. A transição das roupas de Úrsula, de simples para poderosas, é um reflexo da sua transformação interna. Além disso, as sombras e a luz na narrativa ilustram seus conflitos internos e o processo de autoconhecimento. Tudo isso reforça a ideia de que o empoderamento feminino é um caminho de autodescoberta."

5. CONCLUSÃO

Duração: 15-20 segundos

Objetivo: Concluir com uma mensagem forte sobre o impacto do livro.

Texto sugerido:

"Úrsula é uma leitura essencial para todas as mulheres que estão buscando encontrar sua voz e força no mundo. A história nos mostra que a verdadeira liberdade começa de dentro, e é uma jornada que vale a pena ser trilhada."

6. PRODUÇÃO DO VÍDEO

Duração: 5-10 segundos

Objetivo: Incentivar a interação do público.

Texto sugerido:

"Se você também se sentiu inspirada por Úrsula, não esqueça de curtir, comentar e compartilhar esse vídeo. Vamos espalhar essa mensagem de empoderamento feminino!"

DICAS PARA O VÍDEO:

Visual: Use iluminação suave e sombras para refletir o conflito interno de Úrsula. No momento de transformação, você pode fazer uma transição visual, como a troca de roupas ou a mudança de cenário para representar seu empoderamento.

Trilha sonora: Escolha uma música que acompanhe a jornada de força e transformação, com momentos mais suaves para as partes de reflexão e mais energéticas para as partes de empoderamento.

Edição: Use cortes rápidos para manter o ritmo dinâmico e intercale imagens simbólicas ou trechos do livro que reforcem os pontos discutidos.

Com essa estrutura, o vídeo será envolvente e impactante, conectando o público com a mensagem de empoderamento feminino trazida por Úrsula.

5. PERSPECTIVA DE ENSINAR COMPREENSÃO LEITORA NO ESPAÇO ESCOLAR

5.1. Participação da Professora

Durante o período em que lecionei, observei aspectos preocupantes na leitura dos meus alunos: baixa autoestima, a tendência a esperar respostas prontas, a falta de prática em discutir, criticar e, principalmente, modificar um texto. Essa realidade me levou a refletir sobre os desafios das comunidades em que atuo e a abordagem pedagógica adotada pela escola e pelos professores, que se baseava em uma lógica de erros e acertos, e não no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos.

Acredito que a construção do pensamento crítico só é possível respeitando a história de vida do aluno e a comunidade em que ele está inserido, buscando novos caminhos que permitam enxergar a leitura como parte de suas vidas, vendo-se como sujeitos ativos de suas próprias interpretações. Defendo uma leitura baseada na concepção dialógica da língua, onde os alunos são construtores sociais que interagem com o texto. Quero promover uma relação mais profunda e direta com eles, no sentido de estabelecer um diálogo contínuo.

A progressão dessa metodologia envolve revisar e modificar o pensamento à medida que os textos são trabalhados, com cada etapa sujeita a melhorias, visando aprimorar a prática pedagógica. Identifiquei o problema, planejei uma solução e monitorarei o processo para, ao final, avaliar sua eficácia.

Meu objetivo é despertar nos alunos, por meio da leitura e reflexão de textos, a compreensão da importância da escola e da leitura para a transformação de sua realidade social. Um dos grandes desafios é ensinar a leitura de forma abrangente, indo além da simples decodificação de símbolos, mas promovendo o hábito de ler — seja por prazer, estudo ou informação. A prática regular aprimora o vocabulário, o raciocínio e a capacidade interpretativa.

Infelizmente, com o avanço das tecnologias, o interesse pela leitura tem diminuído. Por isso, proponho utilizar essas tecnologias como aliadas, despertando a curiosidade dos alunos e aproximando-os do universo literário. A leitura, além de desenvolver conteúdos específicos, contribui para a escrita, a formulação de ideias e habilidades cognitivas. O contato com os livros permite organizar pensamentos e desenvolver a metacognição.

Incentivar o hábito da leitura desde a infância é essencial para que o indivíduo perceba a leitura como algo prazeroso e essencial. Uma leitura realizada com prazer estimula a imaginação, a escuta atenta e o desenvolvimento da linguagem. Caso esse hábito não tenha sido cultivado, cabe à escola apresentar a leitura de maneira criativa e envolvente, transformando-a em uma experiência positiva e formativa.

A convivência com as tecnologias e as possibilidades de telecomunicação trouxeram uma nova abordagem ao ensino e aprendizado. Com o conhecimento menos centralizado e as linguagens mais fluidas, o papel do professor mudou, deixando de ser o detentor do saber para se tornar um mediador de inúmeras linguagens e oportunidades educativas.

Por isso, cabe a mim, como professora, atuar como mediadora, utilizando os recursos disponíveis para explicar e fomentar trocas, da melhor maneira possível. Adaptarei as linguagens para facilitar a compreensão dos textos e promover a metacognição, fazendo uso das tecnologias durante o processo de ensino-aprendizagem.

Também buscarei promover a compreensão dos textos de forma que ela se aplique no cotidiano dos alunos, indo além das avaliações formais. O conceito aprendido se interliga a outros já assimilados pelos alunos, e meu papel é fazer essa conexão, mediando significados e ampliando o processo de ensino-aprendizagem.

Minha meta é contribuir para a construção da autonomia no conhecimento, participando da formação de cidadãos críticos, capazes de fazer uma leitura consciente do ambiente em que vivem. Minha função é instigar, por meio de relações dialógicas, o aluno a gostar de aprender, absorver conhecimento e, juntos, trocarmos saberes em um espaço democrático e afetivo, onde todos possam se expressar, inferir, metacognizar e compartilhar percepções do mundo.

Não tenho a intenção de formatar meus alunos ou limitá-los a um modelo rígido. Quero que eles vivenciem, troquem, tomem consciência do mundo ao seu redor, apropriem-se de suas histórias e pensamentos, se libertem e alcancem seus próprios voos.

5.2 Reflexões da Professora

A pesquisa que será realizada no subúrbio do Estado do Rio de Janeiro revela um cenário de desafios e oportunidades. Muitos alunos da região, ao enfrentarem uma realidade difícil e marcada pela falta de perspectiva, não conseguem enxergar a leitura como uma ferramenta para a mudança social. A educação, muitas vezes, é vista como algo distante, e o hábito de ler, como algo reservado a uma pequena parte da população. Esses jovens, em sua maioria, não almejam frequentar a universidade, e frequentemente nem sequer consideram a leitura como uma atividade possível ou desejável.

É essencial entender que, para esses jovens, a leitura se torna uma barreira invisível, um obstáculo que parece estar além do alcance. Eles acreditam que a leitura é um "dom" que não possuem, ou que não nasceram para isso. A educação formal é uma realidade distante, e muitos se conformam com uma vida de rotina sem grandes expectativas. Em alguns casos, o exemplo

a ser seguido é o dos criminosos, indivíduos que, por meios ilícitos, parecem alcançar o que muitos sonham sem precisar de esforço.

Dentro desse contexto, a leitura pode ser um agente transformador. Através dela, os jovens podem acessar novas perspectivas, compreender melhor o mundo ao seu redor e, quem sabe, começar a acreditar em um futuro melhor. Para tanto, é necessário mostrar-lhes que a leitura não precisa ser uma tarefa árdua e distante, mas algo acessível e capaz de promover mudanças significativas. A proposta é não apenas ensinar os alunos a decifrar códigos, mas incentivá-los a ver a leitura como um prazer e um caminho para o desenvolvimento pessoal e social.

Além de aprimorar o vocabulário e a interpretação, a prática da leitura tem o poder de organizar o pensamento e desenvolver o raciocínio crítico. A leitura, quando realizada de forma prazerosa e regular, se transforma em uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da cognição e da metacognição. Ao mesmo tempo, contribui para a escrita, pois o contato com diferentes formas de expressão literária contribui para a elaboração de ideias e a construção de uma redação bem estruturada.

A tecnologia, muitas vezes vista como uma ameaça à leitura tradicional, pode ser uma aliada nesse processo. Ao incorporar as tecnologias no ensino da leitura, é possível tornar a experiência mais atraente e adaptada às novas demandas dos jovens. Ferramentas digitais podem ser utilizadas para fomentar a leitura de textos diversos, incentivando a reflexão e o aprofundamento em diferentes temas.

Apesar das dificuldades iniciais, é possível despertar o gosto pela leitura, desde que ela seja tratada como uma atividade prazerosa e que vá além da necessidade de cumprir tarefas escolares. Buscar livros que despertem o interesse dos alunos, que dialoguem com suas realidades e que tragam novas formas de olhar o mundo, é um caminho fundamental para quebrar a resistência que muitos têm em relação à leitura.

Para que esse hábito se enraíze, é importante que a leitura seja incentivada desde a infância. Se a criança aprende desde cedo que ler é algo prazeroso, ela carrega consigo essa visão ao longo de toda a sua vida. Mas, mesmo que esse hábito ainda não tenha sido cultivado, a escola tem o papel fundamental de apresentar a leitura de uma maneira envolvente e criativa, mostrando aos alunos seu valor transformador.

Em última instância, a leitura não é apenas uma prática para o desenvolvimento acadêmico, mas uma ferramenta poderosa de emancipação social. Ao compreenderem a importância da leitura e da educação, esses jovens podem, finalmente, visualizar novas possibilidades para o seu futuro, rompendo as barreiras que a exclusão social impõe e conquistando, por meio do conhecimento, um mundo cheio de oportunidades.

6 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Vi com Foucault, em “Vigiar e Punir”, que:

Mas o que é próprio das disciplinas, é que elas tentam definir em relação às multiplicidades uma tática de poder que responde a três critérios: tornar o exercício do poder o menos custoso possível (economicamente, pela parca despesa que acarreta; politicamente, por sua discrição, sua fraca exteriorização, sua relativa invisibilidade, o pouco de resistência que suscita); fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento “econômico” do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (sejam os aparelhos pedagógicos, militares, industriais, médicos), em suma fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema. (FOUCAULT, 1987, p.241)

Portanto, o agressor acredita que o sofrimento da vítima é a punição necessária para aqueles que não o respeitam. Esse entendimento distorcido é fundamentado na ideia de que respeito é sinônimo de uma relação de poder entre homem e mulher, onde a mulher, ao desrespeitar o relacionamento, merece sofrer. No entanto, mesmo nesse caso, a punição não seria justificável, pois a violência não pode ser a resposta a uma falta de amor. A dor física da vítima é vista como a prova de que ela está sendo punida, mas essa visão é completamente equivocada.

A escola desempenha um papel crucial na desconstrução desse tipo de pensamento, que perpetua a violência, seja pela parte do agressor, seja pela parte da vítima. Por meio dos textos e imagens explorados ao longo da pesquisa, buscaremos incentivar a reflexão sobre o processo de punição e vigilância, que afeta principalmente as mulheres, uma vez que a relação de poder que existe entre os gêneros foi construída ao longo de séculos de história. Isso nos leva a compreender que, longe de ser uma questão isolada, esse tipo de comportamento é uma manifestação de uma estrutura de poder enraizada desde tempos antigos, que precisa ser questionada e transformada.

(...) poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que

não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. (...)” (FOCAULT, 1987, p.31)

Há uma sacralização da cultura, do poder de admirar e seguir. Devemos lutar contra essa educação bancária (FREIRE, 1996) que não nos permite pensar, apenas repetir ações. Nosso aluno não consegue apreender, apenas repetir um modelo e esse pensamento igual vem se perpetuando por séculos e séculos. Mas a capacidade de admirar e transformar do ser humano, em sua juventude, ainda está ali. Devemos valorizar a admiração, em detrimento da disciplina, porque a admiração não se impõe.

As grandezas e reações de poder têm sido perpetuadas, ao longo de séculos através da mídia, dos esportes e da educação, porém não se admira o cientista. Textos nos transformam em outras pessoas. De início, o professor conquista pela simpatia, contudo para que isso se perpetue, ele deve apresentar algo admirável, que entre na competição com o Instagram, Facebook, Youtube para que, nos dias de hoje, possa transformar. Como competir?

A escola deveria ser um espaço para isso, apresentar valores, admirar o que espanta (pesquisa espanta e estudar também), admirar os cientistas e não ajudar a reproduzir um modelo pronto, que fere, pune e domina. Promover o prazer pela leitura e abrir espaço para que as redes sociais e o que se propaga nelas sejam objetos de discussão e análise, podendo ser a ponte para um debate em que se apresentem outros textos de mais valor, se incentive à pesquisa e aos projetos de transformação. A literatura deve ser preventiva e não punitiva.

Partindo desse princípio, reconhecemos que nós, educadores, exercemos o papel de mediadores entre a linguagem e o mundo. O ensinar está diretamente ligado à linguagem e por meio dela o aluno conhece o mundo e a sociedade em que vive. É fundamental, portanto, que nós valorizemos a construção da proficiência leitora de nossos alunos de forma efetiva para que eles sejam capazes de ler e atribuir sentido aos textos lidos, tendo a percepção que certos comerciais, vídeos e músicas nos levam a pensamentos retrógrados sobre a humanidade e, principalmente, sobre a mulher. Para tanto, devemos conhecer a natureza do processo de leitura, os mecanismos por meio dos quais o texto é construído e a forma menos árdua de transmitir esses conhecimentos aos nossos alunos.

Para entender um texto, depende do conhecimento de mundo do aluno, questões próprias do dele, tais como o conhecimento prévio, que nasce a partir da interação com o outro

e das relações que estabelecemos entre as coisas para construir nossos valores e ideologias; os objetivos de leitura, que é um fator determinante para a compreensão porque são esses objetivos que vão determinar o controle que temos sobre o texto e fazer com que atribuamos sentido a ele, e a motivação do nosso aluno em relação ao texto lido.

Preciso, como professora, entender que o processo da motivação é muito complexo, sobretudo se levar em conta que a motivação fica prejudicada em uma sala de aula onde nós temos que seguir as propostas curriculares as quais nos foram impostas. Mas acredito que podemos estimular o interesse pela leitura desde que tenhamos cuidado com a escolha do texto, assegurando-nos que os alunos dispõem de conhecimentos necessários à compreensão do texto, pois se nós ficarmos muito distantes das expectativas dos alunos e não houver compreensão, certamente, haverá a desmotivação, pois uma atividade de leitura será motivadora para o estudante caso o conteúdo esteja ligado aos interesses do educando que tem de ler e, naturalmente, se a tarefa corresponder a um objetivo.

Percebo então, que há no estudo do texto em apreciação um momento analítico, ou até mesmo de cunho científico, que precisa deixar, em suspenso, pensamentos relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária no texto como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade do texto e sua função como síntese e projeção da experiência humana.

Michel Foucault, em sua análise sobre poder e saber, destaca que o poder não se limita a favorecer o saber, mas está intrinsecamente ligado à sua produção e perpetuação. A relação entre poder e saber é mútua e indissociável: não há exercício de poder sem a constituição de um campo de saber correspondente, assim como não há produção de saber que não envolva e sustente relações de poder.

Essa percepção crítica nos leva a refletir sobre a sacralização da cultura e o poder de admiração que ela exerce, especialmente no contexto educacional. A educação bancária, conceito desenvolvido por Paulo Freire, nos alerta para um modelo que reprime o pensamento crítico, favorecendo a repetição de informações e a obediência cega em detrimento da compreensão e da transformação. O aluno, nesse sistema, é reduzido a um reprodutor de conhecimento previamente estabelecido, incapaz de desenvolver autonomia e criatividade.

No entanto, a capacidade de admirar e transformar permanece latente no ser humano, especialmente em sua juventude. A verdadeira aprendizagem não deveria ser imposta como

disciplina rígida, mas surgir da admiração genuína, que desperta curiosidade e vontade de explorar o desconhecido. A admiração, ao contrário da disciplina autoritária, não se impõe: ela inspira.

Ao longo dos séculos, o poder tem sido perpetuado pela mídia, pelos esportes e pelo sistema educacional, mas raramente o cientista ou o pensador são admirados como deveriam. Textos, ideias e descobertas têm o poder de transformar nossa compreensão de mundo e, portanto, deveriam ocupar um lugar central na formação humana.

O professor, nesse contexto, não pode mais se limitar a um transmissor de conteúdo. Ele deve conquistar a atenção e o respeito de seus alunos não apenas pela simpatia, mas pelo oferecimento de algo admirável, algo que possa competir com as distrações contemporâneas como Instagram, Facebook e YouTube. A competição não se dá pelo espetáculo, mas pela inspiração: pelo despertar do desejo de conhecer, questionar e criar.

Para transformar a educação, é essencial que o professor se torne um agente de admiração, provocando nos estudantes o fascínio pelo saber e pelo questionamento, resistindo ao papel de mero reproduzidor de informações e se afirmando como um verdadeiro mediador do pensamento crítico.

A escola deveria ser um espaço para promover valores, admirar o que surpreende e desafia, como a pesquisa e o estudo, além de valorizar os cientistas. Ela não deve reproduzir modelos prontos que ferem, punem e dominam, mas sim incentivar o prazer pela leitura e criar oportunidades para discutir e analisar criticamente o que circula nas redes sociais. Essas discussões podem ser a base para a apresentação de textos mais significativos, impulsionando a pesquisa e projetos de transformação social. A literatura deve ter um caráter preventivo, não punitivo.

Leitura, interpretação e escrita ocupam o topo da pirâmide escolar, pois são preocupações centrais para os educadores. Essa ênfase decorre do fato de que muitos alunos não compreendem o que leem, apenas reproduzem mecanicamente o conteúdo. Nesse contexto, a mediação efetiva do professor durante a leitura pode contribuir significativamente para transformar o leitor passivo em um leitor ativo e crítico.

Reconhecemos que nós, educadores, desempenhamos o papel de mediadores entre a linguagem e o mundo. Ensinar está intrinsecamente ligado à linguagem, pois é através dela que

o aluno compreende o mundo e a sociedade em que vive. Por isso, é essencial valorizar a construção da proficiência leitora de forma que os estudantes consigam atribuir sentido aos textos lidos, compreendendo que certos comerciais, vídeos e músicas podem perpetuar ideias retrógradas sobre a humanidade, especialmente em relação à mulher.

Para promover essa compreensão crítica, é fundamental conhecer a natureza do processo de leitura, os mecanismos de construção textual e as formas mais acessíveis de transmitir esse conhecimento aos alunos. A compreensão de um texto depende do conhecimento de mundo do estudante, de seu repertório prévio, que surge das interações e relações sociais, e dos objetivos de leitura, que determinam o controle e a atribuição de sentido ao texto. Além disso, a motivação do aluno em relação ao material lido é crucial.

Como professores, precisamos reconhecer a complexidade do processo de motivação, especialmente em um contexto em que seguimos propostas curriculares impostas. No entanto, acreditamos que o interesse pela leitura pode ser estimulado pela escolha cuidadosa dos textos, garantindo que os estudantes possuam os conhecimentos necessários para compreendê-los. Quando há uma desconexão entre o conteúdo e as expectativas dos alunos, a desmotivação se torna inevitável. A atividade de leitura será mais engajadora se o conteúdo estiver alinhado com os interesses do aluno e o objetivo da tarefa for claro e relevante.

Assim, percebemos que o estudo do texto possui um momento analítico, quase científico, que exige suspender julgamentos sobre o autor, o valor ou a atuação psíquica e social, focando o texto como objeto de conhecimento. Há também um momento crítico, no qual se questiona a validade e a função do texto como síntese e projeção da experiência humana.

Tendo assim demarcado os campos, devemos pensar na literatura como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem. Como diz Antônio Cândido:

Alterando o conceito de Otto Rank sobre o mito, podemos dizer que a Literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente a das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os

seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (CÂNDIDO, 1995, p.175)

Geralmente, os grandes escritores escrevem porque ainda não disseram tudo ou porque precisam desdizer-se. Escrevem simplesmente porque não podem fugir da escrita, movidos por uma necessidade interior, indefinível. Outros escrevem porque não suportam a realidade e buscam refúgio na vida e no mundo fictícios. Eles adentram o território do imaginário quando todas as outras formas de linguagem se mostram insuficientes para expressar o que desejam transmitir.

Por essa razão, sua ficção resiste às simplificações e se abre a inúmeras interpretações, que variam ao longo do tempo. O escritor absorve e pesquisa informações, experiências e histórias de diferentes fontes, para então dar forma à desordem e ao caos, criando uma estrutura e um desenho feitos de palavras.

Ainda que sua literatura não precise ser justificada por fatores externos e mesmo quando escrevem apenas pelo prazer ou pela necessidade de escrever, sem se preocupar com a apropriação do texto pelo leitor, a obra literária mantém uma relação intrínseca com a vida, com o real e com o contexto cultural e social. Não pode ser inconsequente, pois não existe no vazio. O texto literário aborda aspectos fundamentais da existência humana, permitindo a imersão na mente e na relação do indivíduo com o mundo que o cerca, colocando lado a lado os pequenos detalhes do cotidiano.

Além disso, a literatura resiste a todas as positivities, ao conhecimento já adquirido e às formas convencionais. Está sempre em busca de uma nova representação, não necessariamente para explicar ou descobrir os sentidos do mundo, mas para lançar novas interrogações, provocar emoção, dúvida e vertigem. Ela não apenas representa a realidade ou a experiência: ela é realidade e experiência. Não quer simplesmente dizer, ela diz. Não só pode levar à ação: ela é ação. E é por não ser conformista que surpreende e se mantém subversiva por natureza.

A literatura é um direito de todos, pois o acesso à cultura em seus diversos níveis deve ser garantido a todos, sem distinção entre cultura popular e erudita. A separação dessas formas culturais não deve justificar desigualdades ou divisões sociais, já que uma sociedade justa

respeita os direitos humanos, incluindo o direito à fruição da arte e da literatura em suas diversas formas.

7 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Este trabalho se insere no contexto de sistematização das ideias e da discussão coletiva sobre o tema proposto, e das atividades a serem realizadas. Nosso foco é promover trocas de experiências e reflexões, dentro de um ambiente sociointerativo que favoreça a aprendizagem. A leitura, a interpretação e a escrita estarão sempre no centro da nossa abordagem, uma vez que buscamos não apenas que os alunos reproduzam o que leem, mas que compreendam, reflitam e analisem criticamente os conteúdos. O objetivo é evitar a mera repetição de informações desconexas, distantes do pensamento crítico e independente dos estudantes.

O propósito deste trabalho é proporcionar uma leitura ampla e bem orientada, com a contribuição ativa do educador. O intuito é transformar o aluno de um sujeito passivo e reprodutor de informações em um leitor ativo e crítico, capaz de identificar as intenções do autor e decidir, conscientemente, se deseja ou não propagar ideias que possam reforçar padrões de repressão e preconceito.

A leitura, para mim, deve ser compreendida como um processo contínuo e dinâmico. Ela é uma interação constante entre o indivíduo e o material com o qual entra em contato, permitindo a construção de significados próprios e contextualizados. Esse processo não deve ser visto apenas como uma tarefa escolar, mas como uma oportunidade para promover o autoconhecimento e a compreensão do mundo.

Respeitar a leitura de mundo do educando significa utilizar essa perspectiva como ponto de partida para explorar e desenvolver a curiosidade humana, que é fundamental na produção do conhecimento. O educador, ao reconhecer que essa curiosidade é histórica e evolui com o tempo, adota uma postura de humildade crítica, rejeitando a arrogância cientificista e abrindo-se para uma abordagem verdadeiramente científica.

Portanto, a leitura não deve ser reduzida a uma ação mecânica, mas sim a uma prática significativa que contribua para o desenvolvimento do aluno como sujeito pensante. Nossos alunos não se limitam a ler livros escolares, mas também interagem com uma variedade de

textos do seu cotidiano, como memes, textos nas redes sociais, músicas, raps, poesias, entre outros. Essa forma de leitura é essencial para a compreensão do mundo em que vivem e das interações sociais que fazem parte de seu cotidiano. Ao aprender a ler esses textos, o aluno pode ressignificar seu mundo e agir de forma mais consciente e crítica.

A leitura deve ser vista como um processo de construção de sentidos, que não deve ser uma obrigação árdua, como muitas vezes é encarada no ambiente escolar. O leitor deve ser considerado como um ser ativo, capaz de gerar e atribuir significados ao que lê, interagindo com o texto e com o mundo ao seu redor. Essa interação entre o leitor e o texto é capaz de gerar reflexões e provocar mudanças no mundo do leitor.

Dessa forma, a preocupação com os textos a serem oferecidos ao aluno é fundamental. O trabalho deve buscar ativar os conhecimentos prévios dos alunos, planejando atividades que estimulem seus esquemas de conhecimento, ou “frames”, importantes para o processo de leitura. Ao ativar esses esquemas, é possível promover uma leitura mais autônoma, permitindo que o aluno desenvolva suas habilidades de forma independente. O desafio é construir um caminho que permita ao aluno distinguir entre o que faz parte do seu mundo e o que pertence a outras realidades, mesmo que próximas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLEGATE, M. D., QUINN, K. B., APPLEGATE, A. J. Levels of thinking required by comprehension questions in informal reading inventories. *The reading teacher*, v.56, n. 2, pp.174-180, 2002.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*. 2006; 3: 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

CÂNDIDO, Antonio. Vários escritos – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DOSSIÊ DA MULHER

https://public.tableau.com/app/profile/instituto.de.seguran.a.p.blica.isp/viz/DossiMulher_0/DossiMulher - acessado em 03/10/2021

FOCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 37ª edição, 1996 (coleção leitura).

GERHARDT, A.F.L.M., de Albuquerque, C. de F. e Silva, I. de S. 2009. A COGNIÇÃO SITUADA E O CONHECIMENTO PRÉVIO EM LEITURA E ENSINO. *Ciências & Cognição*. 14, 2 (ago. 2009).

LEITE, Ian Leite & Castro, Luiza de. O silencio dos homens, SP, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&t=1228s>

LOPES, Larize Pereira. Feminicídio. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/em.fernandors/videos/2603203419924667>

LOPES, Larize Pereira. Masculinidade Tóxica. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/em.fernandors/videos/2604786563099686>

LUCIA, Nelsi Lacon de; HOCEVAR, Susana Ortega de. Cognición, metacognición y escritura. Rev. signos [online]. 2008. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-09342008000200009&script=sci_arttext acesso em: 03/11/2019.

MONEREO, Carles. (1994). Enseñar a conciencia (en línea). Disponível em: <http://seneca.uab.es/monereo/>

RAINVILLE, Camille. To be a lady; Tradução: Joanna Burigo. Catarinas, 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/seja-uma-dama-eles-disseram/>

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula e outras obras [recurso eletrônico] / Maria Firmina dos Reis. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. – (Série prazer de ler; n. 11 e-book)

ROSA, Gustavo Danicki Aureliano e GALVÃO, Afonso Celso Tanus. Conhecimento prévio e aprendizagem no ensino: implicações à luz do efeito reverso da expertise e de construtos computacionais da cognição. Ciências & Cognição 2015; Vol 20(2) 229-237. <http://www.cienciasecognicao>

SINHA, Chris. Pessoas situadas: aprender a ser um aprendiz; Tradução: Aline Mendes Amantes; revisão: Ana Flávia Gerhardt. In Bliss, J.; Säljö, R.; Light, P. (Eds.) Learning Sites: Social and Technological Resources for Learning. Oxford, Pergamon, p. 32-48, 1999.

SOUZA, Debora Leandro Medeiros de. Juazeiro, BA, 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/83310/causas-do-feminicidio-no-brasil>